

\* Perguntas feitas para os responsáveis dos alunos escolhidos para a pesquisa



Universidade Federal de Uberlândia  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Curso de Mestrado em Educação

***HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES  
SOCIAIS DA ESCOLA ESTADUAL  
DE UBERLÂNDIA (1929 - 1950)***

**GISELI CRISTINA DO VALE GATTI**

**Uberlândia  
2001**



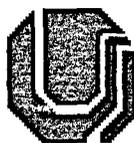
Universidade Federal de Uberlândia  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Curso de Mestrado em Educação

***HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES  
SOCIAIS DA ESCOLA ESTADUAL  
DE UBERLÂNDIA (1929 - 1950)***

**GISELI CRISTINA DO VALE GATTI**

**Uberlândia  
2001**

37.057(815.42\*UDI)091  
G263R  
TES/MEM



Universidade Federal de Uberlândia  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Curso de Mestrado em Educação

SISBI/UFU



1000202164

# ***HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA (1929 - 1950)***

**GISELI CRISTINA DO VALE GATTI**

Dissertação apresentada à Banca Julgadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para obtenção do grau de MESTRE em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho

Uberlândia  
2001

## FICHA CATALOGRÁFICA

G263r Gatti, Giseli Cristina do Vale.  
História e Representações Sociais da Escola Estadual de Uberlândia  
(1929-1950) / Giseli Cristina do Vale Gatti. - Uberlândia, 2001.  
130f. : il.  
Orientador: Geraldo Inácio Filho.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Mestrado em Educação.  
Bibliografia: f. 125-130.  
1. Escolas públicas – Uberlândia (MG) – História - Teses. 2. Educação – Teses. I. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Mestrado em Educação. II. Título.

CDU: 37.057(815.1\*UDI)(091)

**Comissão Julgadora**

---

---

---

***Para Décio que sempre me incentivou e  
acompanhou***

***Para Ana Luísa e Ana Carolina, minhas  
princesinhas, que foram minha fonte de  
inspiração.***

***Para Dona Ana que nos momentos  
difíceis sempre esteve presente.***

## **AGRADECIMENTOS**

**Ao meu orientador Geraldo Inácio Filho pela paciência, incentivo e por acreditar no meu trabalho.**

**Aos meus familiares que sempre me apoiaram durante essa árdua caminhada.**

**Aos professores do Programa de Mestrado em Educação pela qualidade de suas aulas.**

**Aos professores José Carlos Sousa Araújo e Selva Guimarães Fonseca, membros da minha banca de qualificação, que com suas sugestões ajudaram-me no enriquecimento de meu trabalho.**

## RESUMO

Trata-se da comunicação dos resultados alcançados em investigação no campo da História da Educação, especificamente, na área da História das Instituições Educacionais. A instituição em exame é a Escola Estadual de Uberlândia, sediada em Uberlândia - MG.

Esta pesquisa objetivou analisar a História da Escola Estadual de Uberlândia a partir das representações sociais construídas ao seu redor na cidade e região no período de 1929 a 1950.

No decorrer dessa investigação foram consultadas a bibliografia nacional e internacional sobre o assunto, os documentos do acervo da escola, bem como jornais de época, fotografias e documentos do acervo do arquivo público municipal. Além disso, foram importantes os depoimentos recolhidos junto a ex-alunos e ex-professores do colégio, entre outros.

Os resultados alcançados demonstraram que as representações sociais construídas em torno da Escola Estadual de Uberlândia conferiram centralidade a essa instituição na cidade e região do Triângulo Mineiro, o que contribuiu para legitimar seus egressos como futuros dirigentes dos setores público e privado. Além disso, foi possível apreender a dimensão conservadora e tradicional da escola, com a valorização da pátria e da disciplina como modeladoras dos espíritos, mediante a ação dos professores vocacionados para a missão educacional. Nesse sentido, pôde-se perceber a distância do ideário vigente na escola em relação daquele preconizado pelo movimento escolanovista que influenciava as reformas educacionais do período compreendido entre 1929 e 1950.

## **ABSTRACT**

It concerns the communication of the results achieved in the investigation on the History of Educational Institutions area. The institution in question is the State School of Uberlândia, located in Uberlândia, MG.

This research had the purpose to analyse the History of the State School of Uberlândia from the social representations built around itself in the city and region from 1929 to 1950.

During this investigation it was consulted the nacional and internacional bibliography on this topic, the documents of the amount of the school, as well as the seasons newspapers, photographs and documents of the municipal public file. Besides that, it's good to emphasize the importance of the statements that were gather from former students and former teachers of the school, among others.

The results achieved showed that the social representations built around the State School in Uberlândia had given centralness to this institution in the city and in Triângulo Mineiro area, which contributed to legitimate its departures as future leaders of public and private sectors. Besides, it was possible to apprehend the conservative and traditional dimension of the school, with the appreciation of the country and the discipline as spirits modelling given to the action of the gifted teachers to the educational mission. This way, it could be realized the distance from the existent system of political and social ideas at school with regard to that extoled by the moviment that used to influence educational improvements between the periods 1929 and 1950.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>Apontamentos Teóricos Sobre Representações Sociais das Instituições Educacionais.</b>	10
1. A Historiografia em Ritmo de Mudança.....	11
2. As Instituições Educacionais e sua historicidade.....	13
3. Representação: aproximações e conexões.....	20
4. Representações Sociais das Instituições Educacionais.....	31
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>O Cenário Educacional Nacional e Uberlandense (1929-1950).....</b>	36
1. Contexto Político Brasileiro.....	36
2. Panorama da Educação no Brasil.....	40
2.1. A Reforma Capanema.....	47
3. A Expansão do Ensino na Região do Triângulo Mineiro.....	53
4. Principais Instituições Escolares: Araguari, Uberaba e Uberlândia.....	56
4.1. As Escolas de Araguari.....	56
4.2. As Escolas de Uberaba.....	62
4.3. As Escolas de Uberlândia.....	70
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>Representações Sociais da Escola Estadual de Uberlândia (1929-1950).....</b>	81
1. De Gymnásio Mineiro de Uberabinha à Ginásio Mineiro de Uberlândia.....	81
2. O Ginásio Mineiro de Uberlândia.....	91
2.1. Representações Discentes e Docentes.....	99
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	121
<b>MATERIAIS HISTÓRICOS E BIBLIOGRAFIA.....</b>	126
1. Depoimentos.....	126
2. Manuscritos.....	127
3. Periódicos.....	127
4. Bibliografia.....	127
<b>ANEXOS</b>	
1. Roteiro para entrevista de ex-alunos da Escola Estadual Uberlândia	
2. Roteiro para efetivação de depoimento a respeito de professores que passaram pela Escola Estadual de Uberlândia	
3. Termo de autorização	

## LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

### Figuras

<b>Figura 1</b> - Vista Parcial da Estação Mogiana (Acervo CDHIS/UFU).....	72
<b>Figura 2</b> - Fachada da Sede do Telegrapho Nacional (Acervo CDHIS/UFU).....	73
<b>Figura 3</b> - Cine Teatro São Pedro (Acervo CDHIS/UFU).....	74
<b>Figura 4</b> - Companhia Força e Luz (Acervo CDHIS/UFU).....	74
<b>Figura 5</b> - Lyceu de Uberlândia (Acervo CDHIS/UFU).....	78
<b>Figura 6</b> - Alunos e Professores na primeira sede do Gymnásio Mineiro de Uberabinha (Acervo CDHIS/UFU).....	83
<b>Figura 7</b> - Vista da Fachada e do Entorno da Sede do Gymnásio Mineiro de Uberabinha (Acervo CDHIS/UFU).....	84
<b>Figura 8</b> - Fachada do Gymnásio Mineiro de Uberabinha (Acervo CDHIS/UFU).	85
<b>Figura 9</b> - Senador Camilo Chaves (Acervo CDHIS/UFU).....	89
<b>Figura 10</b> - Dr. Mário Porto, primeiro reitor do Gymnásio Mineiro de Uberabinha (Acervo CDHIS/UFU).....	91
<b>Figura 11</b> - Alunos, Professores e o Diretor Dr. Mário Porto (ao centro), em 1929 (Acervo Particular de Isolina Cupertino).....	92
<b>Figura 12</b> - Major José Persilva, comadante do Triângulo Mineiro na Revolução de 1930 (Acervo CDHIS/UFU).....	93
<b>Figura 13</b> - Discurso do Senador Camilo Chaves aos reservistas que partem para as fronteiras (Acervo do CDHIS/UFU).....	96
<b>Figura 14</b> - Maria Oranides Crosara, em 1938, com uniforme do colégio (Acervo Particular).....	101

### Gráfico

<b>Gráfico 1</b> - Evolução Quantitativa do Número de Alunos da Escola Estadual de Uberlândia (1912-1972).....	98
--	----

### Quadros

<b>Quadro 1</b> - Relação de Diretores da Escola Estadual de Uberlândia (1929 - 1968).	97
<b>Quadro 2</b> - Personalidade de Uberlândia e Região que estudaram na Escola Estadual de Uberlândia.....	103

### Tabela

<b>Tabela 1</b> - Total de Escolas Públicas e Privadas nas Regiões das 39ª SRE e 40ª SRE.....	55
---	----

## INTRODUÇÃO

A temática dessa investigação refere-se às representações sociais construídas sobre a Escola Estadual Uberlândia<sup>1</sup>, no período de 1929 a 1950. A pesquisa insere-se no campo da Educação, na sub-área da História da Educação, especificamente vinculada às temáticas presentes na História das Instituições Educacionais.

A problemática da pesquisa envolve o interesse pelo passado de uma das mais antigas instituições educacionais da cidade de Uberlândia. Instituição emblemática dada sua gênese privada, em 1912, e sua consolidação como escola pública, desde 1929. De fato, a escola, dedicada à formação de secundaristas, tornou-se referência na cidade de Uberlândia, sendo que o

---

<sup>1</sup> A escola foi fundada em 1912, com a designação de Ginásio de Uberabinha. Em 1929, com a estadualização, foi designada, por alguns meses, como Ginásio Mineiro de Uberlândia. Neste mesmo ano, devido à mudança de nome da cidade de São Pedro do Uberabinha para Uberlândia, a escola passou a ser designada por Ginásio Mineiro de Uberlândia. Em 1944, a escola passou a ser designada como Colégio Estadual de Uberlândia e, por fim, em 1968, recebeu a designação que conserva até os dias de hoje, Escola Estadual de Uberlândia.

período focado nesta investigação, 1929 a 1950, parece assinalar o momento de cristalização da imagem social da escola.

Nessa época, a escola tornou-se pólo de demonstrações cívicas, culturais, esportivas. Além disso, seu modelo pedagógico, que unia disciplina, rigidez, separação e controle dos corpos, tornou-se referência para outras instituições e modelo de escola de qualidade para pais e alunos.

O interesse em desenvolver essa investigação surgiu como consequência direta da participação em projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia e que se intitulava *Levantamento e Catalogação de Fontes Primárias e Secundárias de Interesse para o Estudo da História da Educação Brasileira no Triângulo Mineiro Alto Paranaíba*.<sup>2</sup>

Particpei do desenvolvimento desse projeto como bolsista de Iniciação Científica e de Aperfeiçoamento, no período de março de 1995 a dezembro de 1998. No início, o grupo de pesquisa ficou encarregado de fazer o levantamento e catalogação de fontes primárias e secundárias de interesse para a História da Educação do Triângulo Mineiro, especificamente nas cidades de Uberlândia, Uberaba e Araguari.

Terminado o processo de levantamento e catalogação, em 1997, sob a orientação dos coordenadores da pesquisa *História e Memória Educacional*:

---

<sup>2</sup> Projeto coordenado, naquela época, pelos professores José Carlos Souza Araújo, Geraldo Inácio Filho, Décio Gatti Júnior e Wenceslau Gonçalves Neto e que estava vinculado ao grupo de estudos e pesquisas *História, Sociedade e Educação no Brasil*, coordenado pelo Prof. Dr. Dermeval Saviani e sediado na Universidade Estadual de Campinas.

*Educação na Imprensa e Instituições Escolares*<sup>3</sup>, ocupei-me do processo de aprofundamento teórico metodológico sobre a pesquisa histórico-educacional, especialmente na modalidade vinculada à área da História das Instituições Educacionais.

Em 1998, já como bolsista de Aperfeiçoamento, fui orientada para o processo de elaboração de uma problemática que desse suporte a um processo de investigação de maior envergadura, para ser desenvolvida, provavelmente, no Mestrado, tomando como objeto de investigação a História da Escola Estadual de Uberlândia.

A opção pela Escola Estadual de Uberlândia, nesse sentido, estava alicerçada, primeiramente, no conhecimento adquirido no levantamento de fontes realizado, quando houve oportunidade de travar contato com o conjunto de materiais históricos referentes à escola, localizados no acervo da própria escola, no Arquivo Público Municipal e no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia - CDHIS.

A investigação acerca dessa escola tornou-se importante à medida que pôde-se perceber o número considerável de seus egressos que ocuparam e ocupam cargos públicos e que dirigem empresas privadas na cidade de Uberlândia. Cidade esta que passou a ocupar, desde os anos sessenta, centralidade na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e que, por esse

---

<sup>3</sup> Desdobramento do projeto anterior, coordenado, naquele período, pelos professores José Carlos Souza Araújo, Décio Gatti Júnior, Geraldo Inácio Filho e Wenceslau Gonçalves Neto. Atualmente, juntaram-se a esses pesquisadores Carlos Henrique de Carvalho, Sandra Cristina Fagundes Lima e Vera Lúcia Abrão Borges.

motivo, ganhou peso político regional, contando para isso com políticos que, em quase sua totalidade, passaram sua juventude nos bancos da atualmente nomeada Escola Estadual de Uberlândia.

A delimitação da abrangência temporal da investigação ao período compreendido entre os anos de 1929 e 1950 é explicado pelo fato de que foi em 1929 que a escola passou para o setor público, momento em que houve considerável evolução do número de alunos e cristalizou-se a imagem social da escola. Os anos cinquenta, por seu turno, assinalam um momento de expansão quantitativa muito forte, nos marcos do desenvolvimentismo e da massificação do ensino que se iniciava, o que acarretou considerável perda da identidade da escola.

Provavelmente, a importância em se realizar um estudo como este esteja vinculado à possibilidade de contribuir para o alargamento do conhecimento dos processos educacionais ocorridos na cidade de Uberlândia, estabelecer conexões entre o que se passava em uma escola singular e o seu entorno, bem como conferir visibilidade pública a uma série de documentos e idéias que, com a ação do tempo e do descaso do Estado estariam fadadas à destruição.

Deste modo, pode-se afirmar que o interesse central da investigação realizada prendeu-se à tentativa de apreensão das representações sociais construídas sobre a Escola Estadual de Uberlândia. Para tanto, foi necessário efetivar alguns estudos teóricos preliminares visando ao aprofundamento do

conhecimento do campo de pesquisa sobre as instituições educacionais, o exame da situação educacional em âmbito nacional, regional e, por fim, local, bem como a apreensão dos movimentos e opiniões particulares sobre a escola analisada.

É importante ressaltar que a educação escolar, quando tematizada, tem, em suas instituições, o local onde se desenvolvem, de fato, o cotidiano do ensino e da aprendizagem sistematizada. Essas instituições que, muitas vezes, contribuem para a permanência das estruturas de classe existentes nas localidades brasileiras, exerceram papéis extremamente diferenciados no que diz respeito à formação de sua clientela.

Ao focar a Escola Estadual de Uberlândia na perspectiva de apreensão das representações sociais sobre ela construídas, partiu-se do entendimento de representação como sendo uma forma de organização do conhecimento da realidade, embora entendendo essa *realidade*, como uma construção social.

As representações coletivas fornecem sistemas de valores indispensáveis para a vida dos grupos sociais à medida em que regulam a organização simbólica e inconsciente da realidade para todos os indivíduos de uma comunidade determinada.

Para Chartier,

*As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos*

*interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza".<sup>4</sup>*

Houve diversidade de materiais históricos consultados e construídos durante a investigação, incluindo: bibliografia histórico-educacional, normas educacionais, notícias publicadas em periódicos locais, documentos escolares, iconografia e diversos depoentes.

Quanto à bibliografia histórico-educacional pôde-se aproveitar da textualidade já conhecida sobre a temática da educação escolar, adensada, sobretudo pelo exame metucioso de literatura sobre representações sociais, oriundas do campo sociológico e histórico. Examinou-se também uma série de produções historiográficas locais, especialmente sobre aspectos históricos de Araguari, Uberaba e Uberlândia, incluindo obras de síntese mais antigas e estudos particulares mais recentes.

Quanto aos documentos mais afetos à escola analisada, consultou-se documentação de seu próprio acervo que, infelizmente, não possui a adequada guarda, organização e conservação; documentos localizados no Arquivo Público Municipal, especialmente jornais e revistas da época abrangida pela investigação; documentação iconográfica, sobretudo do Arquivo Jerônimo Arantes, localizado no Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS; documentação pessoal de membros da escola que lá estavam no período coberto pela investigação.

---

<sup>4</sup> Roger CHARTIER. *História Cultural: entre práticas e representações*, p.16.

Quanto aos depoimentos colhidos para efetivação da pesquisa, totalizaram doze entrevistas realizadas diretamente pela investigadora e uma aproveitada de projeto desenvolvido pelo Arquivo Público Municipal.

Parte considerável dos depoimentos foi colhida de alunos que estudaram na escola no período de 1929 a 1950. Tendo em vista a necessidade de percepção do papel que a escola teve na formação da elite dirigente optou-se por concentrar os esforços de recolhimento de depoimentos orais sobre egressos que ocuparam ou ocupassem funções destacadas na sociedade.

Porém, dada as dificuldades de estabelecimento de agenda com alguns dos depoentes listados, tornou-se possível a efetivação de onze entrevistas com alunos do referido período, incluindo: Afrânio Marciliano de Freitas Azevedo, Francisco Humberto de Freitas Azevedo, Homero dos Santos, Luís Alberto Garcia, Maria Oranides Crosara, Mauro Pereira de Mendonça, Moacyr de Oliveira Franco, Paulo Ferolla da Silva, Rondon Pacheco, Virgílio Galassi e Zaire Rezende.

Não foi possível entrevistar diretamente nenhum professor que estivesse na escola no período coberto pela investigação, pois muitos já haviam falecido ou não foram encontrados. Outros ainda não quiseram conceder entrevista, motivados por alegada doença ou por desinteresse.

Desse modo, optou-se pela utilização de um depoimento colhido pelo Arquivo Público Municipal com o Prof. Osvaldo Vieira Gonçalves, conhecido como Prof. Vadico, diretor da escola entre 1939 e 1968, ou seja, durante

grande parte do período coberto por essa investigação.<sup>5</sup> Além disso, foi possível entrevistar o Prof. Celso Correa dos Santos que, apesar de não ser professor durante o período em questão trabalhou nesta instituição como professor de 1961 a 1972 tendo sido diretor no período de 1968 até 1972, pôde fornecer informações importantes sobre os professores com os quais conviveu nos anos sessenta e que já estavam na escola há longo tempo.

As entrevistas foram realizadas a partir de roteiros comuns, elaborados previamente e destinados a ex-alunos e ex-professores, com cerca de vinte questões cada um, versando sobre o cotidiano da escola, suas relações com a comunidade e a imagem que cada uma dela fazia, conforme pode ser observado nos **Anexos 1 e 2** deste trabalho.

Os depoimentos foram recolhidos durante o segundo semestre de 2000, sendo gravados em cassete, transcritos e remetidos aos entrevistados para correções e assinatura de Termo de Autorização de utilização (Ver **Anexo 3**). Sem dúvida, os depoimentos foram valiosos para o alcance dos objetivos presentes nessa investigação pois, ao aliarem-se ao conjunto documental já examinado, deram mais vida ao objeto estudado.

De fato, por meio do exame concreto das falas presentes na diversidade de documentos consultados e produzidos, falas que pela sua materialidade permitiram a percepção das representações constantes no *corpus* social, tornou-se possível contribuir para a construção de uma interpretação acerca das

---

<sup>5</sup> Trata-se de uma longa entrevista, transcrita em 46 páginas, realizada por Creuza Rezende, Luiz Cláudio Oliveira e Maria José Mamede, em 25 de janeiro de 1990, no Teatro Rondon Pacheco, em Uberlândia.

representações sociais veiculadas sobre a Escola Estadual de Uberlândia no período em questão, bem como o papel exercido pela escola na formação dos jovens que a freqüentavam.

A apresentação dos resultados desse esforço investigativo será exposta a seguir, por meio de um texto dividido em três capítulos e findado por um texto conclusivo.

No **primeiro capítulo** foram examinados os princípios teóricos que fundamentam a modalidade historiográfica chamada História das Instituições Escolares, bem como as conexões desta com estudos recentes sobre representações.

No **segundo capítulo** foi focado o desenvolvimento político e educacional no país, no Triângulo Mineiro e particularmente em Uberlândia, no período de 1929 a 1950, incluindo uma descrição do processo de expansão escolar na região; o elenco das principais instituições educacionais, com um breve histórico de cada uma delas.

O **terceiro capítulo** foi dedicado ao exame específico da Escola Estadual de Uberlândia, sendo que, preliminarmente, será feito um histórico da Escola. Em seguida, será apresentada a análise dos conhecimentos adquiridos sobre as representações construídas sobre a Escola, no período de 1929 a 1950.

Por fim, nas **Considerações Finais** foram realizadas as análises conclusivas a respeito das representações sociais sobre a Escola Estadual de Uberlândia presentes no período de 1929 a 1950.

## **CAPÍTULO 1**

### **APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS**

Este capítulo será dedicado ao exame dos princípios teóricos que fundamentam a modalidade historiográfica chamada História das Instituições Educacionais, bem como as conexões possíveis desta com os estudos recentes sobre representações sociais.

A História das Instituições Educacionais é uma tendência recente na historiografia educacional brasileira que confere relevância epistemológica e temática ao exame das singularidades sociais em detrimento das análises de conjunto que se faziam presentes, sobretudo, nos trabalhos da História da Educação brasileiros.

No processo de investigação das instituições encontram-se informações de natureza variada, presentes em fontes orais, documentais, arquitetônicas, e iconográficas.

Desta maneira, procura-se mostrar a importância do estudo das instituições escolares, pois esta é uma forma de se preservar a memória educacional e inovar as interpretações da História da Educação.

Em um segundo momento, serão abordadas as conexões existentes entre a História das Instituições Educacionais e os estudos sobre representação que, no caso deste trabalho, refere-se, sobretudo, às representações sociais.

### 1. A HISTORIOGRAFIA EM RITMO DE MUDANÇA

Atualmente, a escola tem sido objeto de diversos estudos das Ciências da Educação. A partir desse fato percebe-se a existência de um afastamento da produção proveniente da História da Educação do caráter prescritivo e justificador que ela comportava antes, passando a elaborar suas interpretações sobre o passado educacional, por meio da análise de uma série de evidências e não apenas da legislação educacional.

Nesse sentido, a História da Educação beneficiou-se enormemente da renovação historiográfica proveniente da História Nova, especialmente do caráter cultural mais amplo que ela assumiu, com a prevalência da visão de totalidade, em substituição às visões mais estreitas, seja da História Política tradicional ou do marxismo vulgar e todo economicismo que o comportava.

As pesquisas historiográficas na área de instituições escolares parece destacar os atores envolvidos no processo de desenvolvimento educativo que ocorre nas escolas.

A este respeito, Justino Magalhães diz o seguinte:

*Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico.<sup>6</sup>*

A partir dessa renovação historiográfica passa a existir uma revalorização da memória, representações e experiências, com a recuperação das marcas do passado e abertura a diversas fontes de informação. Nesse contexto, a preocupação que existe neste tipo de pesquisa é de se buscar uma aproximação do cotidiano escolar, suas práticas, representações e apropriações, tentando encontrar possíveis interpretações sobre a história da instituição a ser investigada.

Sendo assim, é preciso ir além da análise dos estatutos e regulamentos escolares para apreender uma possível identidade histórica de uma instituição educativa, sendo que a análise historiográfica, por meio do exame de um número mais amplo de evidências, pode contribuir de modo satisfatório nessa empreitada.

Dessa maneira, a apreensão dos elementos que conferem identidade à instituição educacional, isto é, os elementos que possam conferir sentido único

---

<sup>6</sup> Justino MAGALHÃES, *Contributo para a História das Instituições Educativas: entre a memória e o arquivo*, p. 2.

no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos, é objetivo das investigações no campo da História das Instituições Escolares.

## 2. AS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS E SUA HISTORICIDADE

Segundo o Dicionário Aurélio o termo instituição vem do latim *institutione* e uma de suas acepções conceitua a palavra como sendo uma associação ou organização de caráter social, educacional, religioso, filantrópico etc.

Neste sentido André Petitat afirma que:

*A escola é uma instituição educativa especializada, nisto distingue-se da família, dos clãs familiares, dos locais de trabalho, das comunidades de ofícios, de associações e de grupos de todo tipo, os quais também moldam as novas gerações e reeducam até mesmo os adultos. O ensino é um ramo da divisão social do trabalho que somente se impõe quando certas condições estão devidamente preenchidas.<sup>7</sup>*

A escola e a escrita não tinham razão de ser dentro das sociedades agrárias, pois a produção e a reprodução das relações sociais não necessitavam de instituições educativas especializadas. A escrita surgiu no III e IV milênios antes da nossa era junto com a cidade, o Estado e essas condições ao que tudo

---

<sup>7</sup> André PETITAT. *Produção da Escola/Produção da Sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. p.194.

indica parece que conduziram ao surgimento das instituições educacionais.<sup>8</sup> A escrita é sem dúvida uma das mais importantes manifestações de atividades culturais, e essa escrita se restringe àqueles que fazem parte da esfera político-religiosa. Então conclui-se que a escrita é uma forma de manter a dominação numa sociedade que é dividida em classes sociais garantindo assim a duração dos grandes Estados.

Não se deve esquecer de enfatizar o fato da existência de impérios que não conheciam o sistema da escrita e que transmitiam seu conhecimento através do ensino oral, como é o caso dos incas.

A escola e a escrita parecem ter origem em condições similares, pois tanto uma quanto a outra se impuseram em sociedades de Estado urbanizadas e divididas em grandes grupos sociais.

Petitaf afirma que há quatro períodos que ilustram bem a difusão da escrita e das escolas no ocidente medieval e moderno. No texto a seguir serão apresentadas as características básicas destes quatro períodos descritos pelo autor.<sup>9</sup>

As primeiras são as escolas cristãs da sociedade feudal. Com as invasões bárbaras o número de escolas romanas diminuiu e houve um retorno à vida rural. Surgiram, nesse período, as escolas elementares religiosas, dirigidas à formação de clérigos, padres e funcionários públicos. Nessas escolas os alunos aprendiam a ler e cantar os salmos. A igreja foi uma grande instituição

---

<sup>8</sup> *Ibid.* p. 195.

<sup>9</sup> *Ibid.* p. 195-7.

que se desenvolveu no período do Império Romano e que conseguiu conservar uma certa unidade fragmentada apesar das invasões.

O segundo período engloba as escolas urbanas e corporativas e renascimento urbano. Neste período houve uma grande revolução escolar com o desenvolvimento urbano dos séculos XI e XII. Nas principais cidades italianas surgiram as escolas elementares urbanas, municipais e particulares, que estavam incumbidas de formar futuros comerciantes e homens de letras, e não mais clérigos.. O surgimento das universidades contribuiu na definição de uma elite urbana culta que estabeleceu uma supremacia oligárquica durável a partir do século XV.

Com o desenvolvimento urbano e comercial, a cultura escrita extrapolou as classes dominantes, e atingiu a classe de artesãos, fazendo com que surjisse uma literatura mais diversificada. Por isso na Idade Média houve uma grande valorização das faculdades de artes, porque uma pequena parcela de artistas dedicava-se aos estudos superiores.

No século XVI, entramos no terceiro período, que foi marcado pela difusão dos colégios que, ao contrário das faculdades que possuíam uma relação de produção e reprodução de pequenas elites, preocupavam-se em difundir uma cultura geral que servisse de base e de referência cultural à burguesia que se instalava solidamente entre o povo miúdo e a nobreza, que mais tarde seria dotada de sua própria rede de formação. Na Idade Média a participação da escola na produção da homogeneidade cultural apareceu pouco

nas sociedades fragmentadas desse período, mas com o surgimento dos colégios ela se impôs claramente.

Frente a esse novo quadro, a nobreza procurou instruir-se em um ofício de armas a fim de revolucionar as técnicas de guerra e se instalar na corte com posições de prestígio. Enquanto isso o povo da cidade e do campo tornara-se objeto de estratégias educativas escolares que foram utilizadas em prol de projetos de integração política e de dependência cultural.

O quarto período, século XIX, consiste na emergência de sistemas escolares do Estado e na generalização da cultura escrita. Nesta nova fase, o desenvolvimento do Estado esteve diretamente ligado à revolução industrial e ao modo de produção capitalista.

As escolas técnicas superiores que surgiram no Antigo Regime representavam uma das etapas mais significativas dessa transformação no século XIX. Este tipo de escola foi impulsionado pela cultura científica escrita que rompeu com as barreiras corporativas, demonstrando eficácia por meio da ação sobre a natureza e de um Estado empresário que administrava grandes obras públicas.

Michel Lobrot chamou esse período de "tecnicista". Neste período a escola abandonou os princípios humanistas e deu ênfase à ciência e à técnica.

Com a institucionalização escolar, as relações entre ciência, tecnologia e produção provocaram uma divisão da cultura técnico-científica em níveis desiguais e hierarquizados, fator que aprofundou a divisão dos indivíduos em

classes sociais. Essa divisão em classes sociais produziu e reproduziu um novo grupo de trabalho industrial e assalariado.

Nesse sentido, Petitat afirma que

*A escola é uma criação de indivíduos que vivem em sociedade, mas esta relação não é mais do que uma resposta a certas necessidades, a certas condições que fornecem essa invenção.*<sup>10</sup>

O mesmo pode-se dizer em relação à escrita, pois essas condições favoráveis, aconteceram em grandes sociedades que tiveram acesso à escrita e possuíam um Estado central, que englobava cidades e com uma divisão de classes sociais.

Quando ocorreram tais condições os grupos que compunham a sociedade formaram uma base espontânea e não especializada para a educação. Mas tão logo essas instâncias elementares se mostraram incapazes de assumir o papel de produção-reprodução de princípios de classificação social, a escola passou a se impor sobre elas. A escola, nesse sentido, relacionou-se com as estruturas sociais complexas, separando-se das instâncias educativas não especializadas.

As instâncias especializadas, no caso, as escolas, são co-responsáveis pela produção-reprodução das construções simbólicas (religião, regras administrativas, leis etc.). A tentativa de homogeneização de valores, de

---

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 198.

imagens, de símbolos etc., nunca é transmitida em sua totalidade, pois a escola obtém apenas resultados parciais, que podem ser contestados através da evolução de conflitos sociais. A função de homogeneização simbólica das escolas, está diretamente ligada às relações de dominação.

A escola, em síntese, é uma instância especializada na educação de futuras gerações, mostra-se necessária quando a sociedade atinge um nível de divisão do trabalho que traz implicações no uso da escrita, na existência do Estado e no surgimento de grandes grupos sociais.

Ela diferencia-se da família e da comunidade que são consideradas formas básicas de educação, tidas como esparsas e fragmentadas. Assim a escola contribui para produzir e reproduzir a homogeneidade cultural que está relacionada com a divisão de trabalho e parcialmente determinada pelos conflitos sociais e as relações de dominação.<sup>11</sup>

Os grupos dominantes desempenham um papel fundamental na orientação das instituições escolares na seleção de seus conteúdos simbólicos, de suas práticas e de seus públicos, uma vez que dependem deles a sua própria sobrevivência e de toda uma sociedade. Nesse sentido, a escola é plenamente uma instituição, pois é uma decorrência de necessidades sociais básicas e tem, geralmente, longa permanência no meio social. Além disso, é verificável o valor dos códigos de conduta dos quais é portadora.

---

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 200.

Os estudos relacionados às instituições escolares, estão diretamente ligados a assuntos referentes à História Regional e Local. O ressurgimento da História Regional e Local, na França e na Inglaterra, durante os anos 50, trouxe novas perspectivas para a sua inserção na História Social.

Neste sentido, é possível fazerem-se estudos relacionados ao cotidiano de pequenas vilas ou cidades, estudos específicos de instituições escolares ou ainda fazer estudos de reconstituição familiar, operando a construção histórica a partir de um objeto singular no interior de uma história mais geral, tomando-a como um importante objeto de investigação.

A história local, expandiu-se muito, justamente por explorar aspectos ligados à memória que até então eram considerados sem importância para as perspectivas da história nacional.

Segundo Pierre Goubert:

*A prática meticulosa da História Local e a multiplicação de monografias sobre regiões específicas podem nos conduzir muito mais longe; podem servir para destruir muitas concepções gerais que em tempos passados pareceram tão vigorosas e foram tanto incorporadas em tantos livros, comunicações, conferências.*<sup>12</sup>

Em outras palavras, a História Local procura trazer a tona aspectos relevantes ligados à história nacional, mas também procura estudar temas que não estão ligados ao âmbito nacional, como o cotidiano de uma instituição

---

<sup>12</sup> Pierre GOUBERT, *História Local*, p. 51.

educacional por exemplo. Isso faz com que o historiador tenha um trabalho exaustivo na análise e sistematização da documentação recolhida, quando esta se torna fragmentada. Assim é possível lançar mão de outros tipos de registros tais como fontes iconográficas, correspondências, diários e principalmente de fontes orais. Por meio dela é possível reconstituir um passado que muitas vezes não é possível encontrar em documentos, em muitos casos os discursos só podem ser recuperados por meio do que foi registrado na memória das pessoas mais velhas.

A localidade, segundo Raphael Samuel, é considerada um fenômeno único que possui sua própria periodização e leis de crescimento, como um organismo vivo com seu próprio ciclo de vida, que pode ser estudado por longos períodos de tempo.<sup>13</sup>

A História Local é sem dúvida uma nova perspectiva de análise histórica que tem por objetivo trazer à tona temas singulares até então esquecidos e desvalorizados e que podem ser importantes para a construção tanto de uma história regional, como também de uma história nacional, com grandes contribuições para o debate historiográfico nacional.

### 3. REPRESENTAÇÃO: APROXIMAÇÕES E CONEXÕES

Representação, do latim *repraesentatio*, é um termo carregado de significado e é de suma importância para o desenvolvimento atual das Ciências

---

<sup>13</sup> Raphael SAMUEL, *História Local e História Oral*, p. 227-8.

Humanas. Uma das acepções presentes no Dicionário Aurélio conceitua representação como: *conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento*. Na Filosofia significa:

*Operação pela qual a mente tem presente em si mesma uma imagem mental, uma idéia ou um conceito correspondendo a um objeto externo. A função de representação é exatamente a de tornar presente à consciência a realidade externa, tornando-a um objeto da consciência, estabelecendo assim a relação entre a consciência e o real. A noção de representação geralmente define-se por analogia com a visão e com o ato de formar uma imagem de algo, tratando-se no caso de uma imagem não-sensível, não visual. Esta noção tem um papel central no pensamento moderno, sobretudo no racionalismo cartesiano e na filosofia da consciência. Sob vários aspectos, entretanto, a relação de representação parece problemática, sendo por vezes entendida como uma relação causal entre o objeto externo e a consciência, por vezes como uma relação de correspondência ou semelhança. A principal dificuldade parece ser o pressuposto de que a consciência seria incapaz de apreender diretamente o objeto externo.<sup>14</sup>*

Nesse sentido, aproxima-se do significado atribuído a imaginário, do latim, *imaginarius*, que em um sentido mais específico, é o conjunto de

---

<sup>14</sup> Hilton JAPIASSU e Danilo MARCONDES, *Dicionário Básico de Filosofia*, p. 213-4.

*representações, crenças, desejos, sentimentos, em termos dos quais um indivíduo ou grupo de indivíduos vê a realidade e a si mesmo.*<sup>15</sup>

É importante ressaltar que "representação" em praticamente todas as acepções teóricas é visto como social, ainda que sua manifestação seja realizada na maioria das vezes no plano individual.

Nas Ciências Sociais "representação" é definida como sendo *categorias que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a.*<sup>16</sup>

Durkheim é o primeiro a utilizar o conceito, com o designativo de representações coletivas. Pare ele:

*As Representações Coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com a sua natureza.*<sup>17</sup>

Nessa concepção, o indivíduo seria totalmente determinado pelas estruturas ideológicas da sociedade. Além disso, essas idéias encontrariam no capitalismo sua última e verdadeira forma de expressão, não ocorrendo a possibilidade do conflito ideológico e por conseguinte do conflito social.

---

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 129-30.

<sup>16</sup> Maria Cecília de Souza MINAYO, *O Conceito de Representações dentro da Sociologia Clássica*, p. 89.

<sup>17</sup> E. DURKHEIM, *As Regras do Método Sociológico*, p. 381.

Há, porém, um conteúdo válido nas considerações de base estrutural-positivista. Maria Cecília de S. Minayo afirma que Marcel Mauss defende a idéia de que:

*[...] A sociedade se exprime simbolicamente em seus costumes e instituições através da linguagem, da arte, da ciência, da religião, assim como através das regras familiares, das relações econômicas e políticas. Portanto [...] é objeto das ciências sociais tanto a coisa, o fato, como a sua representação. O autor, no entanto, chama atenção para esses dois níveis considerando o risco de se reduzir a realidade à concepção que os homens fazem dela.*<sup>18</sup>

Max Weber ao tratar das questões relacionadas às representações sociais o fez em oposição às idéias de Durkheim que defendia a existência de uma relação de adequação entre idéias e base material. Assim, segundo Weber, tanto as representações quanto às idéias têm a sua própria dinâmica e podem ser tão importantes quanto a base material.

A concepção weberiana está distante do pensamento positivista e, em certo sentido, é contrária ao chamado marxismo vulgar - economicista e excessivamente determinista. Por outro lado, aproxima-se da tradição marxista mais recente, que, nesse aspecto particular, confere importância à explicação histórica para outros campos da vida social que não somente à esfera econômica, mas, também, às esferas da política, da cultura e mesmo da

---

<sup>18</sup> *Ibid*, p. 92.

religião. São diversos os autores marxistas que, desde os anos 50, compreendem o ser social como sendo, simultaneamente, determinado e determinante dos processos de permanência e mudança.

O próprio Karl Marx, em 1846, afirma que:

*A História não é senão a sucessão das diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais, as forças produtivas que lhes são transmitidas pelas gerações precedentes; assim sendo, cada geração, por um lado, continua o modo de atividade que lhe é transmitido, mas em circunstâncias radicalmente transformadas, e, por outro lado, ela modifica as antigas circunstâncias entregando-se a uma atividade radicalmente diferente [...].<sup>19</sup>*

De comum pode-se perceber que em praticamente todas as formas de abordagem da questão das representações está o fato de que a linguagem, o discurso, a palavra é a principal portadora dos conteúdos representacionais.

Nesse sentido, ganham relevo, na pesquisa sobre representações, os testemunhos, os registros escritos, entre outros suportes materiais das palavras, das idéias. Segundo Roger Chartier, a História Cultural

*[...] tem como objeto principal identificar a forma como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler.*

*[...]*

<sup>19</sup> Karl MARX, *A Ideologia Alemã*, p. 47.

*Desta forma pode-se pensar a história cultural do social tomando por objeto a compreensão das formas e dos motivos, isto é, partindo das representações do mundo social, na qual os atores que dela fazem parte, possam traduzir as suas posições e interesses de forma objetiva, e que de forma paralela, descrevem a sociedade tal como pensam que ela seja, ou como gostariam que fosse.<sup>20</sup>*

Sendo assim, é necessário identificar como símbolos e considerar como simbólicos todos os signos, atos ou objetos.

Neste contexto o termo simbolização tem por objetivo exprimir ou representar alguma coisa e é por meio dela que se pode fazer a apreensão da realidade.

A tradição do idealismo crítico define como forma simbólica todas as categorias e todos os processos, que constróem o mundo como representação. Assim podemos tomar o conceito de representação em um sentido mais particular e historicamente mais determinado.

Há múltiplos significados para o termo representação. Um deles é que esse termo refere-se ao ausente, o que sugere uma distinção entre aquilo que representa e aquilo que é representado. Essa representação é um instrumento de conhecimento indireto que faz ver um objeto ausente, através da substituição por uma imagem, imagem essa que é capaz de reconstruir em memória a figura tal como ela era. Exemplo dessa perspectiva são os bonecos de cera utilizados

---

<sup>20</sup> Roger CHARTIER, *A História Cultural: entre práticas e representações*, p. 16-9.

em caixões ou tumbas durante os funerais de soberanos ingleses ou franceses, a fim de representar a dignidade imortal perpetuada na pessoal mortal do rei.

Existe ainda um outro sentido atribuído a esse termo, no qual representação é uma forma de exibição de uma presença, ou seja, como uma apresentação pública de algo ou alguém. Neste sentido a representação tem uma relação simbólica, que consiste na representação através de imagens ou propriedades das coisas naturais, a título de exemplo pode-se ver o leão como símbolo de valor.

Desta maneira a relação de representação pode ser entendida através de uma imagem presente e de um objeto ausente, uma valendo-se pela outra.

Para Chartier, a realidade possui três dimensões: da representação, da prática e da apropriação. No caso da representação, a realidade deve ser apreendida pelos sujeitos sociais através de imagens, pois é através das práticas que a realidade se materializa, ou seja, as práticas visam reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo por meio de formas institucionalizadas.

A apropriação é a maneira pela qual os indivíduos interagem com a realidade, em outras palavras, tem por objetivo uma história social das interpretações remetidas para as suas determinações fundamentais que são sociais, institucionais e culturais e inscritas nas práticas específicas que as produzem.

Em síntese, na perspectiva apresentada por Chartier, está contida a defesa de que a História deve ser compreendida como um estudo de processos pelas quais se constrói um sentido, uma realidade e que busca dar significado ao mundo.<sup>21</sup>

Para entender o que seria a representação coletiva é necessário, continuar a abordar o significado de representação. Na abordagem de Jacques Le Goff, representação é tomada como sendo a tradução mental de uma realidade exterior percebida e liga-se ao processo de abstração. O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, manifesta-se por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade, ou seja, ela dá vida à representação.<sup>22</sup>

Neste caso, a articulação que se faz é que a sociedade constrói a sua ordem simbólica, que não é conveniente chamar de real, mas sim de representação da realidade, pois é através de um sistema de idéias-imagens que se pode dar significado à realidade.

Assim, pode-se dizer que o real é ao mesmo tempo concretude e representação. Neste contexto uma sociedade é instituída de forma imaginária, uma vez que ela se expressa de forma simbólica por meio de um sistema de idéias-imagens que constituem a representação do real.

As sociedades, no decorrer de sua História, construíram suas próprias representações globais, ou seja, através de um sistema de idéias-imagens, de

---

<sup>21</sup> Roger CHARTIER, *op. cit.*, p. 27.

<sup>22</sup> Evelyne PATLAGÉAN, *A História do Imaginário*, p.291.

representação coletiva, é que elas procuram estabelecer sua identidade, suas divisões, legitimar seu poder e conceber modelos para conduta de seus membros. Estes seriam modelos de representação coletiva, e não reflexos da mesma.

Evelyne Patlagean afirma que

*O domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam(...). Em outras palavras, o limite entre o real e o imaginário revela-se variável, enquanto que o território atravessado por este limite permanece, ao contrário, sempre e por toda parte idêntico, já que nada mais é senão o campo inteiro da experiência humana, do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal.<sup>23</sup>*

Na elaboração de idéias-imagens relacionada com a representação coletiva, não é necessário que haja consonância com o que se pode chamar de verdade social, mas sim uma forma de buscar o entendimento ou interpretação dessa realidade.

O imaginário, no campo da História, tem lugar privilegiado. Desta forma, pode-se dizer que a História é um modo de representação, visto que todo fato histórico tem uma existência lingüística, ainda que o discurso seja

---

<sup>23</sup> Cf. Sandra Jatahy PESAVENTO, *op. cit.*, p. 16.

exterior ao seu referente (o real), pois o passado já nos chega em forma de discurso, uma vez que não é possível recuperar a realidade em sua totalidade.

Carlo Ginzburg, importante historiador italiano, afirma que só é possível apreender as representações por meio de uma articulação texto/contexto, ou seja, não se pode abandonar a idéia de totalidade para estabelecer a compreensão de um texto. Se a realidade aparece algumas vezes de forma distorcida e incompreensível, deve-se buscar indícios, estabelecer relações e procurar significados em dados aparentemente irrelevantes, mas que adquirem sentido dentro de um contexto mais amplo, que é a necessária referência para se fazer uma interpretação.<sup>24</sup>

Segundo Roger Chartier, não é possível entender uma História Cultural desconectada de uma História Social, posto que suas representações são produzidas a partir de papéis sociais. Ele afirma seu entendimento de que não há real oposição entre mundo real e mundo imaginário. O discurso e a imagem, mais do que meros reflexos estáticos da realidade social, podem vir a ser instrumentos de constituição de poder e transformação da realidade. Desta forma, a representação do real, o imaginário, é em si, um elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo.<sup>25</sup>

Chartier também enfatiza que as clivagens culturais não se organizam apenas por meio do recorte social, ocorrendo também configurações derivadas dos fatores sexo, idade, religião, tradição, educação etc.

---

<sup>24</sup> Cf. Sandra Jatahy PESAVENTO, *op. cit.*, p. 18.

<sup>25</sup> Roger CHARTIER, *O Mundo como Representação*, p.107-24.

As representações coletivas são consideradas ao mesmo tempo matriz e efeito das práticas construtoras do mundo social. O imaginário tido como um sistema de idéias-imagens de representações coletivas, é considerado o outro lado do real.

O imaginário não deve ser confundido com o simbólico, apesar de terem a mesma natureza, isto é, o símbolo é algo que não significa ele mesmo, significa sempre outra coisa, do mesmo modo as imagens que constituem o imaginário.

Segundo Sandra J. Pesavento, pode-se concluir que

*[...] o imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, um jogo de espelhos onde o "verdadeiro" e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de se perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar o significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer.*<sup>26</sup>

Deste modo, pode-se considerar que a história constitui-se como uma forma de representação, pois é por meio dela que se procuram buscar possíveis interpretações a fim de se compreender os processos sociais ocorridos no passado.

---

<sup>26</sup> Sandra Jatahy PESAVENTO, *op. cit.*, p. 23-4.

#### 4. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS

A educação constitui uma área temática em que a representação social tem tido um importante destaque. Nesse contexto, as instituições escolares têm sido bastante privilegiadas, uma vez que, tal como as pessoas, essas instituições são portadoras de memórias, uma memória gerada por contraposição com outras memórias, que corre ao ritmo do tempo, das pessoas e das gerações.

Essa memória gira em torno do fabuloso e do heróico, sendo também colocada como uma memória ritualista e comemorativa. Este é um fato que não se deve ignorar. As instituições consideradas como transmissoras de cultura, a cultura escolar, também não deixam de produzir a mesma, uma vez que elas são consideradas organismos vivos que tanto ontem como hoje, integram-se de forma mais ou menos convergente numa política educativa, em uma estrutura educacional e não deixaram de fazê-lo de maneira crítica e adaptativa.

Nas instituições educativas, os sujeitos, e em especial os alunos, são, sem dúvida, o seu núcleo principal, pois sua existência está diretamente ligada às atividades de todos seus integrantes.<sup>27</sup>

Nesse contexto, a busca de alunos é considerada função fundamental da instituição educacional, uma marca que tende a conferir-lhe poder autônomo nos quadros regional e local. Isto porque esses alunos são colocados como atores principais no desenvolvimento da escola e, ao se estudar o passado de uma instituição educacional, muitas vezes esses alunos são tidos como fontes

---

<sup>27</sup> Luiz PEREIRA e Marialice M. FORACCHI. *Educação e Sociedade*, p.105

importantes e imprescindíveis para a busca de uma interpretação a respeito de tal instituição.

Tal fato acontece quando os documentos relacionados com a História da Instituição Educacional se mostram ineficazes na busca de uma análise de seu passado ou porque esses documentos se perderam com o tempo ou porque não estão disponíveis ao acesso público.

Segundo Japiassu e Marcondes pode-se caracterizar memória como a:

*Capacidade de reter um dado da experiência ou um conhecimento adquirido e trazê-lo à mente, considerada essencial para a constituição da experiência e do conhecimento científico. A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente. Segundo Aristóteles, "É da memória que os homens derivam a experiência, pois as recordações repetidas da mesma coisa produzem o efeito duma única experiência"(Metafísica, I, I)".<sup>28</sup>*

Ainda em relação à memória, Ecléa Bosi ressalta que a memória permite a relação do corpo presente com o passado interferindo no processo "atual" das representações<sup>29</sup>. Em outras palavras, é através da memória que o passado emerge de uma realidade atual, trazendo a tona fatos passados comparados à realidade em que se vive.

---

<sup>28</sup> Hilton JAPIASSU e Danilo MARCONDES, *Dicionário Básico de Filosofia*, p. 164

<sup>29</sup> Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade*. p.09

Neste sentido, Ecléa Bosi, usando as palavras de Bérqson, afirma que as lembranças estão sempre ligadas às percepções atuais.<sup>30</sup> Sendo assim a memória pode ser considerada conservação do passado, no qual o mesmo sobrevive sob a forma de lembrança.

A lembrança acontece quando provocada, ou seja, quando alguém ou algum fato nos remete ao passado. Assim na maioria das vezes lembrar não é reviver o passado, mas sim reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. Memória não é sonho, mas sim trabalho.<sup>31</sup>

É nesse quadro que os alunos, professores e até mesmo os funcionários que fizeram parte da história da escola se tornam tão importantes. Os estudos envolvendo a memória tanto individual quanto coletiva, tornam-se uma via metodológica muito importante para o pesquisador.

A memória estimula e desafia a busca da hermenêutica, seja no plano da compreensão seja no da representação da realidade. A memória desafia o pesquisador para a explicação das relações hierárquicas e valorativas, quer entre as coisas, quer entre as pessoas. A memória de uma instituição, é considerada um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais.

Relacionado a História das Instituições Escolares, a memória pode ser recuperada a partir de relatos escritos, de natureza biográfica e monográfica e a partir da tradição oral. A tradição oral é certamente uma via de informação estimulante para o debate e para o alargamento das problemáticas, na interface direta com a questão das representações anteriormente trabalhadas, mas que necessita de comprovação e de análise crítica apurada.

---

<sup>30</sup> Ibid. p.09

<sup>31</sup> Ibid. p.17

A representação na forma de discurso pode ser considerada como expressão ideológica, uma vez que é através dele que expressamos nossa visão de mundo, conferindo sentido às relações concretas entre os indivíduos e grupos sociais.

As representações coletivas, que são formas de organização do conhecimento da realidade, fornecem sistemas de valores indispensáveis para a vida dos grupos sociais na medida em que regulam a organização simbólica e inconsciente da realidade para todos os indivíduos de uma comunidade determinada.

A esse respeito Chartier enfatiza que:

*As representações do mundo social [...], embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem as utiliza.<sup>32</sup>*

Por meio da análise dos depoimentos de agentes de ensino, patronos de instituições, professores e alunos é possível identificar o discurso comum e mesmo os desentendimentos presentes no cotidiano de uma instituição educacional, de seu percurso histórico e das representações construídas sobre a escola.

O estudo das representações sociais pode ajudar no processo de compreensão do processo de construção da realidade e como os discursos

---

<sup>32</sup> Roger CHARTIER, *op. cit.* p. 16.

contém em si estratégias de interesses determinados. No caso das instituições escolares, a apreensão do discurso predominante por meio do exame das falas particulares, é muito importante, pois na maioria das instituições brasileiras mais antigas, grande parte da documentação manuscrita e impressa perdeu-se, por isso o recurso da História Oral torna-se imprescindível, pois é com ela que se encontra a possibilidade de construir interpretações sobre o itinerário histórico das instituições escolares, conferindo-lhe assim uma identidade cultural e educacional.

Neste capítulo, foi possível apreender as questões fundamentais referentes ao universo teórico das representações sociais em sua relação com a História das Instituições Educacionais.

## **CAPÍTULO 2**

### **O CENÁRIO EDUCACIONAL NACIONAL E UBERLANDENSE (1929 - 1950)**

Este capítulo objetiva apresentar o contexto histórico-educacional no qual inseria-se a Escola Estadual de Uberlândia, no período de 1929 a 1950. Nesse sentido, serão expostos o contexto regional e local e sua inserção no cenário nacional; um breve histórico das principais instituições educacionais de então, nas cidades de Araguari, Uberaba e Uberlândia.

#### **1. CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO**

A situação política brasileira dos anos trinta aos anos cinquenta foi marcada por intensas turbulências. A queda do Presidente Washington Luís, em outubro de 1930, motivada por um movimento armado iniciado no Sul do país com repercussão nacional foi fruto de um descontentamento que se operava no Brasil desde 1922.

Apesar de todos os esforços da Coluna ela não conseguiu derrotar as tropas oficiais e se retirou para a Bolívia. Esse movimento pode ser

considerado um dos maiores já existentes com o objetivo de derrubar um governo no Brasil.

A Revolução de 1930, aconteceu por causa do descontentamento de setores da oligarquia agrária brasileira e da nascente burguesia industrial, que estavam cansados do domínio dos barões do café e da corrupção existente naquele período. A oligarquia agrária brasileira apoiada pelos setores sociais queria acabar com a política do café com leite (mineiros e paulistas se alternando no poder).

Desse modo, grupos de oposição ao governo formaram a Aliança Liberal, para disputar as eleições. Esse partido recebeu apoio dos centros urbanos e dos estados nordestinos, além dos tenentes e do próprio Getúlio Vargas.

Diante da vitória do candidato da situação, os oposicionistas procuraram organizar-se a fim de promover uma revolução e convenceram o candidato derrotado a liderar tal movimento. O assassinato de João Pessoa, presidente do Estado da Paraíba, foi o estopim para estourar a luta armada contra Washington Luís, em 3 de outubro de 1930, sendo que o movimento armado saiu-se vitorioso ao final de três semanas.

Desse modo, Getúlio Vargas assumiu o poder provisoriamente, em 3 de novembro como Delegado da Revolução, em nome do Exército, da Marinha e do Povo. O novo governo preocupou-se em dar destaque aos problemas sociais

e urbanos, criando assim os ministérios do Trabalho, da Educação e da Indústria e Comércio.

O novo governo também dissolveu o Congresso Nacional e as Assembléias Estaduais, nomeando para os Estados interventores que governariam até à promulgação da nova Constituição.

Com a demora para a convocação da nova constituinte e as divergências que começaram a acontecer entre os grupos vitoriosos deu-se margem para o episódio conhecido como Revolução Constitucionalista, em 1932, a partir de São Paulo, que foi comandada por Dias Lopes com a ajuda de Euclides de Figueiredo. Em pouco mais de dois meses de luta, as forças legalistas acabaram por sufocar a revolta.

Apesar da derrota, os revolucionários conseguiram, pelo menos, um de seus objetivos: a convocação das eleições para a Assembléia Constituinte. Em 16 de julho de 1934, foi promulgada a terceira Constituição brasileira.

Neste período, o governo Vargas para compensar a estagnação do café, procurou incentivar o cultivo de frutas. Ainda neste período, alguns fatores impulsionaram a indústria brasileira, entre eles cabe destacar a diminuição das importações, em decorrência da desvalorização da moeda e da II Guerra Mundial, o atendimento ao mercado externo e à construção da Companhia Siderúrgica Nacional que começou a funcionar em 1946.

Com eleições marcadas para 3 de janeiro de 1938, Vargas armou-se para continuar no poder e elaborou um plano falso, conhecido como *Plano*

*Cohen*, no qual era prevista uma pseudo-revolução comunista e o utilizou como pretexto para decretar o estado de sítio, buscando apoio das Forças Armadas e dos governadores.

Assim, com a certeza do sucesso do golpe, Vargas, solicitou a Francisco de Campos que redigisse em segredo a nova Carta Constitucional. Com o apoio dos militares, o golpe tornou-se fato e realizou-se em 10 de novembro de 1937. Getúlio Vargas instaurou, desse modo, o Estado Novo e apresentou aos ministros a nova Constituição, conhecida como a "polaca", por ser baseada na Constituição polonesa.

Getúlio Vargas, agora ditador, detinha todos os poderes em suas mãos, e foi considerado a autoridade suprema do Estado. Porém, com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial, a oposição interna contra o Estado Novo começa a ser reforçada, uma vez que não fazia sentido aos opositores entrar em guerra em prol de democracia que aqui não existia.

Devido às fortes pressões sofridas por parte daqueles que defendiam as idéias liberais, Getúlio Vargas renunciou, em 1945, após quinze anos de poder. A ditadura Vargas foi então substituída por um governo eleito.

Em janeiro de 1946, Eurico Gaspar Dutra assumiu o poder. Em seu governo, tentou-se operar um redimensionamento do papel do Estado, procurando-se incentivar o desenvolvimento industrial, dando-se proteção a indústria nacional e às matérias primas.

Em 1950, Getúlio Vargas voltou ao poder, por meio do voto popular e, em plena campanha do petróleo, sendo que, nessa época, Vargas era considerado o próprio símbolo do nacionalismo. Dois anos depois de sua posse, a criação da Petrobrás foi firmada em Lei e o Estado passou a deter o monopólio da pesquisa e exploração do petróleo brasileiro.<sup>33</sup>

Mas o governo Vargas não durou muito, pressionado para deixar o governo e envolvido em tramas escusas o ditador não agüentou a pressão e acabou por suicidar-se, em agosto de 1954.

## 2. PANORAMA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Uma das grandes reformas ocorridas no campo educacional foi, sem dúvida, a Reforma Francisco de Campos, que ocorreu justamente no Governo Provisório de Getúlio Vargas, iniciado em 1930.

Ao assumir o Ministério da Educação e Saúde, Francisco de Campos efetivou uma série de decretos, incluindo: 1. Decreto nº 19.850 - de 11 de abril de 1931, criando o Conselho Nacional de Educação; 2. Decreto nº 19.851 - de 11 de abril de 1931, dispondo sobre a organização do ensino superior no Brasil e adota o regime universitário; 3. Decreto nº 19.852 - de 11 de abril de 1931, dispondo sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro; 4. Decreto nº 19.890 - de 18 de abril de 1931, dispondo sobre a organização do ensino secundário; 5. Decreto nº 20.158 - de 30 de junho de 1931, que organiza o ensino comercial, regulamenta a profissão de contador e dá outras

---

<sup>33</sup> Otaíza de Oliveira ROMANELLI, *op. cit.* p. 52.

providências; 6. Decreto nº 21.141 - de 14 de abril de 1932, que consolida as disposições sobre a organização do Ensino Secundário.<sup>34</sup>

Nesse sentido, esta série de decretos iniciou um processo de organização de um sistema nacional de Educação no Brasil. Percebeu-se que anteriormente o sistema de ensino vigente não era organizada com bases educacionais nacionais. Na realidade, a estrutura de ensino era precariamente organizado em sistemas estaduais, desvinculados de um sistema central.

O ensino secundário, por exemplo, nada mais era do que um curso preparatório de caráter propedêutico. Na reforma Francisco de Campos, o ensino secundário foi organizado em sete anos, sendo dividido em duas partes: a primeira, denominada de curso fundamental, com duração de cinco anos e a segunda, denominada de curso complementar.

Os exames perante bancas especiais foram extintos, sendo facultado o exame apenas para o ensino fundamental para maiores de 18 anos. A inspeção escolar tornou-se obrigatória para todas as escolas estaduais e particulares, e o ensino religioso foi considerado como facultativo.

Em 11 de abril de 1931, foi criado o Estatuto das Universidades Brasileiras, adotando para o ensino superior o regime universitário.

O curso comercial, com a reforma, passou a ter três níveis, sendo o primeiro curso propedêutico, o outro nível com cinco modalidades de cursos técnicos e o curso superior de administração e finanças.

---

<sup>34</sup> *Ibid.*, p.131.

O movimento renovador que defendia a laicidade, a institucionalização, a expansão da escola pública e o direito a educação para ambos os sexos, deu origem a desavenças entre educadores. Por esse motivo, originaram-se dois grupos distintos. O primeiro, com interesse em promover e liderar reformas e o segundo formado por maioria católica, preocupado em combater as idéias desses renovadores.

Essas desavenças surgiram pelo fato da Igreja sentir-se ameaçada, pois perdia cada vez mais o monopólio do ensino e já estava desgastada desde a Proclamação da República. Além disso, a classe burguesa em ascensão reivindicava o ensino médio para si e educadores e intelectuais clamavam pela escolarização das massas populares em nível primário.

Por causa desses fatores, o movimento renovador achou que já era chegada a hora do Estado assumir o controle da Educação e que esta deveria ser laica, gratuita e obrigatória.

A campanha em prol da escola pública, nesse período, cresceu bastante, dando ênfase a um dos princípios mais importantes do movimento: o direito de todos à educação.

Desta maneira o Estado, formado por uma sociedade heterogênea, deveria ser laico, garantindo o respeito à crença religiosa e a personalidade dos cidadãos, zelando para que a escola não se transformasse em um instrumento de doutrinação e propaganda religiosa.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Otaiza de Oliveira ROMANELLI. *op. cit.*, p. 144.

Os partidários da escola tradicional viam-se ameaçados pela escola pública, uma vez que ela poderia acarretar um esvaziamento da escola particular, além do risco de expansão dessa escola a todas as camadas da sociedade, podendo ameaçar os privilégios da elite brasileira.

A luta entre os partidários da escola tradicional e os integrantes do movimento renovador tornou-se tão acirrada, que os líderes do movimento renovador resolveram tornar público seus princípios, por meio da divulgação de um documento destinado ao povo e ao governo. Nascia então o "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", que foi publicado em 1932. Esse "Manifesto", encabeçado por Fernando de Azevedo foi assinado por vinte e seis educadores brasileiros, líderes do movimento renovador. A apresentação pública de tal documento tinha por finalidade definir os interesses do movimento de forma mais objetiva e, foi por meio desse manifesto que se percebeu a necessidade de construir e aplicar um programa de reconstrução educacional, a fim de atingir todo o território nacional.

O "Manifesto" criticou ainda o sistema dual de educação vigente, no qual o ensino primário e profissional era destinado aos pobres e o ensino superior e secundário destinado aos ricos e propôs a substituição desse sistema, por um outro de estrutura unificada, que resumindo em linhas gerais: as escolas pré-primárias e o ensino primário estivessem na base do sistema, o ensino primário vinculado ao ensino secundário; o ensino superior seria mais

diversificado, organizando-se de acordo com o sistema universitário, em cursos destinados a carreiras liberais e profissões técnicas.

O Manifesto mostrou como a escola secundária tradicional tornou-se um local de formação de interesses de classes, que acabaram por culminar no dualismo educacional, apontando que a Reforma Francisco de Campos, apesar de ser um avanço para o setor educacional, acabou por solidificar esse dualismo, por não possibilitar uma conexão entre os níveis secundário e profissional.

O Manifesto referia-se ainda ao ensino superior que deveria ser organizado com a vinculação entre ensino, pesquisa e extensão. Enfatizava ainda a necessidade de que todos os professores, independentemente da área na qual atuassem, deveriam ter formação universitária.

Percebe-se que o "Manifesto" procurou tratar a educação como um problema social, uma vez que visava assegurar a educação como um direito individual e como tal, ser estendido a todos os cidadãos independentemente de classe social, afirmando, ainda, que o Estado deveria cumprir esse papel, por meio da implantação da escola pública gratuita.

Desse modo, os Pioneiros da Educação Nova pretendiam delinear novas diretrizes para estudar a educação no Brasil e provocar um despertar de consciência por parte dos educadores brasileiros, que até então não existia.

Nesse sentido, o documento proposto pelos pioneiros representou um grande avanço para a reflexão sobre o sistema educacional brasileiro, pois o que eles pretendiam era buscar uma reflexão para o pensamento pedagógico vigente naquela época, tentando promover soluções para o problema das relações entre a escola e a nova ordem social, política e econômica.

Em 1932, a Associação Brasileira de Educação promoveu a V Conferência Nacional de Educação, na qual elaborou um anteprojeto que consolidava o plano nacional de educação. Esse anteprojeto foi apresentado à Constituinte.

Promulgada a Constituição, em julho de 1934, foi apresentado um plano de política nacional de educação, no qual foi reconhecido que a educação é um direito de todos os cidadãos.

A Constituição de 1934 estabeleceu a liberdade de ensino em todos os graus e ramos, a liberdade de cátedra, a gratuidade e obrigatoriedade, criou os fundos especiais de educação para ajuda aos alunos necessitados; afirmou a competência privativa da união para fixar o plano nacional de educação em termos básicos, cabendo aos Estados organizar e manter os sistemas educativos, subordinados às diretrizes definidas pela União; reintegrou o ensino religioso, facultativo, segundo a reivindicação do manifesto dos educadores católicos.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Maria do Carmo Tavares de MIRANDA. Educação no Brasil, p. 72.

Neste mesmo período, o Conselho Nacional de Ensino foi substituído pelo Conselho Nacional de Educação, que era um órgão consultivo do Ministério da Educação, tendo sido criados ainda os Conselhos Estaduais de Educação.

Em 1934, foi criada a Universidade de São Paulo, fundada no Governo de Armando Sales de Oliveira. Em 1935, por iniciativa de Anísio Teixeira, que na época era secretário de Educação do governo de Pedro Ernesto, foi criada a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro.

Em 1937, foi instaurado o Estado Novo, uma ordem autoritária e unitária. No Estado Novo foi produzida uma nova Constituição, dentro dos moldes da tecnocracia getuliana e que foi imposta ao país. Segundo Paulo Ghiraldelli Jr., em termos educacionais, a Carta de 1937 inverteu as tendências democratizantes da carta de 1934, pois o Estado Novo desincumbiu-se da educação pública, através de sua legislação máxima assumindo um papel subsidiário, redigindo um texto constitucional que desobrigava o Estado da manutenção e da expansão do ensino público, além da garantia da gratuidade do ensino.

O novo governo deixava claro que não queria destinar verbas públicas para a democratização da educação no país. Este é um indício que pode ser visto no Artigo 130 da Constituição de 1937, onde se lê:

*Artigo 130 - O ensino primário é obrigatório e gratuito. A gratuidade, porém, não exclui o dever de solidariedade dos menos para com os mais necessitados; assim, por*

*ocasião da matrícula, será exigida aos que não alegarem, ou notoriamente não puderem alegar, escassez de recursos, uma contribuição módica e mensal para a caixa escolar".<sup>37</sup>*

Não havia interesse por parte do Estado Novo em estabelecer, por meio da Constituição de 1937, o acesso à educação geral através de uma rede de ensino público e gratuito, pelo contrário, a intenção do grupo político que redigiu a Carta Máxima era justamente manter o dualismo educacional. Assim, a elite usufruía do ensino público e particular, enquanto que às massas populares eram destinadas as escolas de ensino profissionalizante.

## 2.1. A REFORMA CAPANEMA

As Leis Orgânicas do Ensino, foram um conjunto de decretos iniciados em 1942 e concluídos em 1946. Essas Leis Orgânicas tiveram por função ordenar o ensino primário, secundário, industrial, comercial, normal e agrícola. Foi considerada uma reforma elitista e conservadora e recebeu a designação geral de Reforma Capanema.

Neste período, foram criadas algumas entidades que ao final do Estado Novo passaram a ter grande importância no processo educacional do país, incluindo: o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP); o Instituto Nacional do Livro (INL); o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico

---

<sup>37</sup> Paulo GHIRALDELLI JR, *História da Educação*, p.82.

Nacional (SPHAN); o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

A criação das Leis Orgânicas de Ensino acabaram por reforçar , o que era até então apenas um indício na Constituição de 1937, o dualismo educacional, ou seja , um ensino dividido em dois blocos, no qual o ensino secundário público era reservado àqueles que faziam parte da elite, e que portanto seriam os detentores do poder em nossa sociedade, e um ensino profissionalizante que era destinado à instrução das massas populares.

O ensino técnico profissional foi organizado em dois ciclos, sendo um fundamental, com duração de quatro anos e outro técnico, com duração de três a quatro anos.

O ensino industrial além de ter o curso básico de quatro anos, possuía, no mesmo ciclo, o curso de mestría que durava dois anos. O segundo ciclo possuía cursos técnicos com duração de três a quatro anos e um curso de formação de professores de um ano. Ainda estavam previstos os cursos artesanais com duração curta e variável.

Nessa perspectiva, é possível notar a preocupação do governo em qualificar as pessoas para o trabalho na indústria. Com isso o governo procurava obrigar a indústria a colaborar com a educação uma vez que o sistema de ensino da época não oferecia uma educação profissional de acordo com as necessidades industriais e também pela dificuldade do Estado em destinar verbas para essa área. Daí o empenho do setor industrial em treinar seu

pessoal. Esse empenho implicava em destinar recursos para o treinamento de seus funcionários e que deu origem a um convênio entre a Confederação Nacional das Indústrias e o governo, que culminou com a criação do SENAI, responsável pela formação de uma mão de obra mais rápida e qualificada a atender às necessidades das empresas nacionais.

O ensino comercial, ficou organizado em um curso básico com duração de quatro anos de 1º ciclo e com vários cursos técnicos com duração de três de 2º ciclo. Entre esses cursos estão: comércio, propaganda, administração, contabilidade, estatística e secretariado.

O ensino agrícola foi organizado em dois ciclos, sendo um básico de quatro anos e o de mestría com duração de dois anos no primeiro ciclo. O segundo ciclo era constituído de vários cursos técnicos com duração de três anos. Estão entre esses cursos como o de agricultura, prática veterinária, horticultura, indústrias agrícolas, laticínios, zootécnica e mecânica agrícola. Estavam previstos ainda na Lei três tipos de cursos pedagógicos, o de economia rural doméstica (dois anos), o de didática de ensino agrícola e o de administração de ensino agrícola, que tinham duração de um ano.

Apesar dos pontos positivos dessa reforma, a falta de flexibilidade existente entre os vários ramos do ensino profissionalizante e mesmo nas oportunidades de ingresso no ensino superior foi algo a ser criticado.

Em 09 de abril de 1942, por meio do Decreto Lei nº 4244, integrante das Leis Orgânicas do Ensino, foi efetuada a reforma do ensino secundário. O

ensino secundário que era destinado a formar a elite, possuía um currículo bastante extenso com a finalidade de dar uma formação de cultura geral de base humanística, além de dar aos jovens uma formação patriótica e nacionalista.

O ensino secundário foi dividido da seguinte maneira: o primeiro ciclo era chamado de ginásial e o segundo ciclo foi subdividido em clássico e científico. Esse ensino era muito rígido e seu currículo tinha um caráter enciclopédico e não era diversificado, ou seja, as disciplinas eram as mesmas em quase todas as séries, além de não haver distinção substancial entre os dois cursos.

Em outras palavras o ensino secundário tinha na realidade forte caráter propedêutico, isto é, o de preparar o jovem da elite para o ingresso no ensino superior. De fato, a reforma do ensino secundário acabou por reprimir a ideologia liberal, dando margens a uma ideologia autoritária.

A reforma do ensino primário ocorreu em 02 de janeiro de 1946, após a queda de Getúlio Vargas. O ensino primário que até então não havia recebido nenhuma atenção por parte do Governo, passou agora por uma organização mais democrática do que o ensino secundário.

O ensino primário, após a reforma ficou subdividido em duas categorias: O ensino primário fundamental, que foi dividido em primário elementar, com quatro anos de duração, e o primário complementar com duração de um ano, destinado a crianças de sete a doze anos. E o ensino primário supletivo, com a

duração de dois anos, e destinado a adolescentes e adultos, que até então não haviam recebido um nível adequado de educação.

O ensino primário supletivo, que teve suas salas funcionando a partir de 1947, foi responsável pela diminuição da taxa de analfabetismo no final dos anos quarenta até os anos cinquenta.<sup>38</sup>

O fato é que no interior da reforma realizada no ensino primário, os princípios que nortearam tal reformulação eram de base escolanovista.

Segundo Paulo Ghiraldelli Jr

*Falava-se em desenvolver o ensino de modo sistemático e graduado e segundo os interesses da infância; colocava que o ensino deveria basear-se numa didática que levasse em conta as atividades dos próprios discípulos; apoiar o ensino nas realidades do ambiente; desenvolver o espírito de cooperação e o sentimento de solidariedade social; procurar revelar as tendências e aptidões dos alunos etc.<sup>39</sup>*

Traçando um paralelo entre a reforma do ensino secundário com a reforma do ensino primário, percebe-se claramente que a segunda provém de um pensamento mais liberal influenciado pelas idéias escolanovistas, enquanto que a primeira vem carregada de uma ideologia autoritária e parafacista advinda do regime ditatorial de Getúlio Vargas.

<sup>38</sup> Otaíza de Oliveira ROMANELLI, *op. cit.*, p.161.

<sup>39</sup> Paulo GHIRALDELLI JR, *op. cit.*, p.85.

Com a queda da ditadura de Vargas em 1945, teve início uma nova fase no cenário brasileiro. Essa nova fase trouxe de volta ao Brasil uma certa tranquilidade no que diz respeito à democracia.

Com a promulgação da nova Constituição, em 1946, passou a existir uma política de abertura e de ampliação democrática e liberal. Nesse sentido, cabia à União determinar a fixação das diretrizes e bases da educação nacional.

Para tanto, Clemente Mariani, então Ministro da Educação e Saúde do Governo Dutra, organizou uma comissão de educadores com o intuito de elaborar um projeto para a LDBEN.

A comissão organizada por Clemente Mariani, tinha como participantes educadores como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, o Padre Leonel França e Alceu de Amoroso Lima, entre outros. Reuniu-se em 1947 para a elaboração do projeto, que foi encaminhado ao Congresso, em 1948.

O projeto encontrou obstáculos para se efetivar e o Congresso Nacional acabou por arquivá-lo, graças à intervenção de Gustavo Capanema, o ex-Ministro da Educação.

Em 1951, foi feita uma tentativa para desarquivar o projeto, mas o Senado informou que toda a documentação referente ao projeto havia sido extraviada. Em decorrência desse fato a Comissão de Educação e Cultura tentou reconstituir o projeto, para ser encaminhado novamente ao plenário do Congresso Nacional.

Com tantas idas e vindas do projeto, a Comissão de Educação e Cultura esperou por treze anos, até que o mesmo fosse legalizada por meio da Lei 4.024, votada apenas em dezembro de 1961.

### 3. A EXPANSÃO DO ENSINO NA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO

No período em que estava para eclodir a proclamação da República, o setor político nacional pedia por reformas urgentes. Assim, quando a República passou a reger o país tornou-se necessário discutir sobre a prática político-educacional, uma vez que não era possível trabalhar sem uma política que não estivesse centrada numa idéia de educação nacional.

Essa idéia de educação nacional foi formulada na Europa no início do século XIX. O Estado de Minas Gerais mostrou-se muito preocupado em transformar essa idéia em realidade. Dentro das atas da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, é possível perceber a temática da democracia, a formação da civilidade, a modernização da educação, a formação do cidadão, a defesa da educação pública e obrigatória, a necessidade da moralização pública (civismo) e o conseqüente papel que cabe à educação sob o patrocínio do Estado.<sup>40</sup>

Na região do Triângulo Mineiro o ensino desponta com características de sistema privado até os anos quarenta. Além do ensino privado ter chegado

---

<sup>40</sup> Décio GATTI JÚNIOR e outros, *História e Memória Educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro*, p.13.

em primeiro lugar, ele destaca-se também por estar vinculado a um sistema de ensino confessional.

No processo de implantação de escolas na região do Triângulo Mineiro cabe destacar algumas, consideradas de suma importância para o desenvolvimento educacional da região. A primeira escola é da cidade de Uberaba, o Colégio Nossa Senhora das Dores, que foi fundado no ano de 1885 e que pertence à Congregação das Irmãs Dominicanas que vieram da França. Este colégio era dedicado exclusivamente à formação de moças. Somente a partir de 1973 é que as religiosas permitiram a matrícula de meninos, passando então a ter turmas mistas.

Ainda em Uberaba, foi fundado em 1903, pela congregação dos Irmãos Maristas, o Colégio Marista Diocesano. Este colégio ao contrário do Colégio Nossa Senhora das Dores era dedicado exclusivamente a meninos, e somente a partir de 1970 tornou-se uma escola mista de ensino.

Na cidade de Uberlândia a primeira instituição particular foi fundada em 1912, por iniciativa de Antonio Luiz da Silveira e chamava-se Ginásio de Uberabinha. Era uma escola que recebia alunos de toda a região e que precisou, mais tarde construir uma sede própria e maior, com o intuito de abrigar um maior número de alunos. Esta instituição funcionou em regime particular até janeiro de 1929, quando foi doada ao Estado, sem ônus para o governo, passando então a funcionar como escola pública sob o nome de Ginásio Mineiro de Uberabinha..

Deste modo, conclui-se que o que prevaleceu na região do Triângulo Mineiro até os anos quarenta foi o ensino particular, principalmente de caráter confessional, ressaltando assim a falta de interesse pelos assuntos educacionais por parte do Estado.

Pode-se perceber, a partir desse dados, a predominância do ensino privado em relação ao ensino público. O ensino privado na região prevaleceu por muito tempo, cerca de 23 anos, contando desde 1885 até 1908.

Com o predomínio do ensino privado no Triângulo Mineiro, é possível perceber claramente que a formação educacional era destinada apenas à elite e que esse ensino obedecia a interesses particulares, especialmente àqueles vinculados ao ensino confessional.

Através dos dados abaixo é possível visualizar a expansão de escolas públicas e privadas fundadas na região da 39ª SRE (região de Uberaba) e da 40ª SRE (região de Uberlândia):

**Tabela 1**  
Total de Escolas Públicas e Privadas Fundadas nas regiões das 39ª e 40ª SRE, por décadas.

DÉCADAS	39ª SRE			40ª SRE			TOTAL GERAL		
	Públicas	Privadas	Total	Públicas	Privadas	Total	Públicas	Privadas	Total
1880	-	1	1	-	-	-	-	1	1
1890	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1900	-	1	1	1	-	1	1	1	2
1910	3	-	3	1	2	3	4	2	6
1920	2	1	3	2	3	5	4	4	8
1930	-	2	2	-	2	2	-	4	4
1940	16	-	16	3	1	4	19	1	20
1950	18	4	22	9	3	12	27	7	34
TOTAL	39	9	48	16	11	27	55	20	75

Fonte: Relatório de Pesquisa do Núcleo de História e Historiografia da Educação.

Por meio dos dados apresentados no quadro da página anterior percebe-se que a expansão das escolas públicas nesta região começou a despontar a partir de 1910 e 1920.

A política das cidades da região teve grande importância para o desenvolvimento do ensino. Cabe aqui destacar que as cidades de maior importância política no passado eram Uberaba, Araxá e Araguari. Uberlândia só começou a se destacar a partir de 1960 como liderança econômica, devido à sua posição demográfica.

Assim, ao final do anos cinquenta Uberaba possuía nove escolas públicas e seis privadas, Araguari estava com dez escolas públicas e quatro privadas, Araxá com cinco escolas públicas e duas privadas e finalmente Uberlândia com cinco escolas públicas e seis escolas privadas.

#### 4. PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: ARAGUARI, UBERABA E UBERLÂNDIA.<sup>41</sup>

##### 4.1. AS ESCOLAS DE ARAGUARI

A história da cidade de Araguari data do início do século XIX. Neste período Antônio de Resende Costa era o comissário de sesmarias da região do Triângulo Mineiro e foi ele quem demarcou a sesmaria do Serrote (atual Fundão) e a sesmaria da Pedra Preta (atual Cunhas).

---

<sup>41</sup> Neste tópico o histórico apresentado referente as instituições escolares de Araguari, Uberaba e Uberlândia estão baseados nas seguintes obras: Araguari Cem Anos de Dados e Fatos, História de Uberaba e Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central.

A freguesia do Brejo Alegre foi criada pela Lei Provincial nº 1847 de 02 de abril de 1840. Nessa época já existia uma capela e em volta foram fixando-se os primeiros habitantes da cidade. O desenvolvimento urbano desse vilarejo ocorreu de forma lenta. Assim, as primeiras ruas nasceram da iniciativa particular e os ranchos que lá existiam naquela época, deram lugar a casas de pau a pique e que muito tempo depois foram substituídas por casas de alvenaria.

Com isso surgiram então os primeiros estabelecimentos comerciais e, logo em seguida, a primeira escola municipal. A partir daí, surgiu a necessidade de fazer o planejamento da cidade e, desse modo, o primeiro traçado urbano foi feito em 1895 por Achilies Wildulick.

Em 31 de março de 1884, a freguesia de Brejo Alegre passou à categoria de vila, mas o ideal de emancipação fervilhava entre os habitantes da vila. Foi então que, em 1887, em sessão extraordinária da Câmara Municipal, foi elaborado um ofício no qual solicitava a elevação à categoria de cidade a pequena vila, que foi enviada à Assembléia Provincial de Minas Gerais.

Mas apesar do ofício enviado pela Câmara de Vereadores e os informes a respeito da cidade, o Presidente da província julgou ser insuficiente para elevar à categoria de cidade a pequena Vila de Brejo Alegre, o que culminou em uma batalha parlamentar.

Por intermédio do Padre Lafayette de Godoy o projeto foi aprovado, em 4 de agosto de 1888, com a seguinte redação:

*A Assembléia Legislativa Provincial de Minas Gerais decreta: Artigo Único - Fica elevada a categoria de cidade a vila do Brejo Alegre da Comarca da Bagagem, revogadas as disposições em contrário".<sup>42</sup>*

Porém, na sessão do dia 5 de agosto, o Deputado Severino de Resende Navarro propôs uma emenda ao decreto no qual lia-se o seguinte:

*Onde se diz - á categoria de cidade - Acrescente-se com o nome de cidade de Araguary - e o mais como se acha redigido.<sup>43</sup>*

A origem do nome da cidade ainda é uma incógnita para os historiadores, pois até hoje ninguém conseguiu entender porque a cidade tem o nome de um rio que corre no Amapá.

Assim como a Câmara Municipal preocupou-se com a emancipação da cidade, ela também se viu preocupada com a questão da educação. A primeira escola estadual criada na cidade foi a Escola Estadual Raul Soares que foi autorizada pelo Decreto nº 2297, de 17 de novembro de 1908 e teve suas portas abertas ao público em 17 de abril de 1909. Antigamente o colégio era conhecido apenas por "Grupo Escolar". Em 5 de novembro de 1924 foi

---

<sup>42</sup> Maria Consuelo M. NAVES e Gilma Maria RIOS, *Araguari Cem Anos de Dados e Fatos*, p. 19.

<sup>43</sup> *Ibid*, p.19.

autorizada, pelo Agente Executivo, a construção do novo prédio do Grupo Escolar.

O Governador de Minas, Antonio Carlos, em visita à cidade de Araguari, em outubro de 1927, inaugurou a nova sede do Grupo Escolar, que através do Decreto nº 7.968 passou a chamar-se "Grupo Escolar Raul Soares", em homenagem ao governador que morreu durante sua gestão, em 4 de agosto de 1924.

Este estabelecimento de ensino encontra-se até hoje em funcionamento sob a denominação de Escola Estadual de 1º Grau Raul Soares, somando, mais de noventa anos de funcionamento.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus, fundado em 1919, inicialmente funcionava na cidade de Januária, Minas Gerais, sendo dirigido por religiosas belgas da Congregação do Sagrado Coração de Maria. Por causa de problemas administrativos houve necessidade de mudança de local. Este fato foi reforçado pelos pedidos do Padre Antonio Curado Fleury que, na época, era pároco de Araguari. O Colégio acabou por se transferir para esta cidade.

A Casa Paroquial tratou de acolher essas religiosas por um período até que as mesmas possuíssem suas próprias instalações. Assim, com uma doação feita pelo casal Lindolfo Rodrigues da Cunha, elas puderam comprar uma casa antiga que, logo em seguida, foi reformada. Em 14 de abril de 1919, em missa solene, celebrada pelo Padre Lafayette de Godoy foi inaugurada a nova sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus, sob a direção da Irmã Maria Blandina.

Junto com a Irmã Blandina estavam outras sete irmãs pioneiras. Eram elas: Irmã Berchmans, Irmã Blanche, Irmã Rodrigues, Irmã Canuta, Irmã Berta, Irmã Anatólia e Irmã Fluvia.

Junto com essas oito religiosas fundadoras do colégio veio também a Irmã Olga que era a única a falar a língua portuguesa e, com apenas 13 anos de idade, assumiu as aulas de Português da primeira turma formada por 120 alunas.

No ano de 1927, foi criado o noviciado da Congregação em Araguari, com o intuito de formar religiosas brasileiras e que funcionou como um anexo do colégio. O Colégio Sagrado Coração de Jesus conta, atualmente, com os cursos de Educação Infantil, Fundamental e Ensino Médio.

O Colégio Regina Pacis surgiu a partir da doação de um terreno feita à Congregação de Educadores, em 1925, que pretendia fundar um colégio nesta cidade. Os fundadores do colégio foram Padre Gil Van Den Boogaart e Padre Matias Van Rooy que vieram da Holanda e chegaram a Araguari em 1926.

O novo ginásio foi instalado oficialmente em 18 de maio de 1926 e era destinado a rapazes, tendo sido considerado na época um empreendimento grandioso. A instituição funcionou temporariamente em uma casa alugada até que fosse concluída a construção do prédio próprio, o que aconteceu somente em 1928.

Em 30 de maio de 1926 começou a funcionar a primeira turma do curso de admissão com trinta alunos e os primeiros professores foram Padre Gil,

Padre Matias e Patrocínio Valverde de Moraes. O ginásio só foi reconhecido pelo Conselho Federal no ano de 1929. Somente em 1943 o ginásio foi elevado à categoria de colégio por meio do Decreto nº 11.351, mantendo assim os cursos científico e clássico.

O colégio tem muitas realizações importantes, dentre elas pode-se citar a publicação da primeira revista chamada "O Grêmio", com o primeiro número lançado em 12 de junho de 1931.

Em 1936, ocorreu a formatura da primeira turma de bacharéis. Ainda em 1936, o diretor Padre Conrado fundou a revista "A Juventude" que tinha por objetivo destacar a vida cultural daquele estabelecimento. No ano de 1939, foi fundado o "Grêmio Literário Tristão de Ataíde", que era uma escola de oratória de onde se revelaram grandes talentos.

Em 1941, ocorreu a criação da Banda Marcial do Regina Pacis, que se incorporou aos desfiles estudantis e datas cívicas nacionais, municipais ou de caráter interno. Em 1945, após o término da 2ª Guerra Mundial, foi inaugurado o prédio para o internato e residência dos padres.

Em 1951, o Colégio Regina Pacis comemorou suas Bodas de Prata pelos seus vinte e cinco anos de existência. Nesta época, o colégio possuía 650 alunos externos e 220 internos. Naquele ano foi lançada também uma revista chamada "Um Marco no Caminho", no qual os padres fizeram uma retrospectiva histórica do colégio, desde o seu nascimento.

Estes foram alguns dos fatos marcantes que a escola viveu até o início dos anos cinquentas. A escola é considerada, ainda hoje, um marco na expansão do ensino na cidade de Araguari e ainda mantém suas portas abertas.

Outra instituição educacional muito importante para a cidade de Araguari foi a Escola de Comércio, fundada em 15 de novembro de 1943, pelo Prof. Moacir Fontini e Dona Maria de Lourdes Lisboa Alves de Castro com a denominação de "Escola Técnica de Comércio Machado de Assis e Ginásio Dom Vital", que começou a funcionar em 1944.

Inicialmente, a escola contava apenas com um curso comercial básico, seguido depois pelo curso ginasial. O curso técnico de contabilidade só teve início em 1946 e durante três décadas foi considerada uma das instituições educacionais mais eficientes da cidade de Araguari. A escola hoje funciona com a denominação de Escola de 1º e 2º Graus Machado de Assis e possui cursos desde o maternal até o 2º grau e o curso técnico de contabilidade.

Das primeiras escolas criadas na cidade de Araguari, estas quatro são as que ainda hoje mantêm grande prestígio e popularidade entre os seus habitantes.

#### 4.2. AS ESCOLAS DE UBERABA

Em 1807, o sertanista José Francisco de Azevedo junto com outros moradores do Desemboque, fundaram um núcleo colonial na cabeceira do Ribeirão Lajeado dos Ribeiros, nas terras desse mesmo José Francisco de

Azevedo, o qual tendo obtido cessão de uma sesmaria de José Gonçalves Pimenta, no Taquaral (rio das Velhas), fez demarcar na paragem denominada "Santo Antonio das Lages", perto do Lajeado.<sup>44</sup>

A segunda sesmaria de propriedade de José Francisco de Azevedo foi a de Lageado que ficava ao norte da primeira, foi aí então fundado o arraial formado por algumas poucas cabanas. O Sargento Mor Antonio Eustáquio da Silva Oliveira em visita a esse arraial verificou que ali não havia condições de desenvolver um povoado.

Caminhou mais a oeste e na margem direita do córrego Lajes construiu uma casa para moradia e dois quilômetros acima construiu uma outra morada para retiro de suas criações. A partir daí inúmeras pessoas passaram a construir boas casas próximas ao retiro do Sargento Mor Antonio Eustáquio e, em pouco tempo, os moradores do arraial de Lageado se transferiram para aquele local.

O Lageado foi elevado à categoria de distrito no ano de 13 de fevereiro de 1811. Em 22 de fevereiro de 1836, por meio da Lei Mineira nº 28 o distrito foi elevado à categoria de vila, criando-se depois então o município, com autonomia política e administrativa.

A instalação da vila deu-se em 7 de janeiro de 1837 e através da Lei 759 de 2 de maio de 1856 a cidade foi erguida. A cidade passou a ter o nome de Comarca de Uberaba, em 12 de novembro de 1878, por meio da Lei nº 2500. O nome Uberaba vem do Tupi e é o mesmo que Y-Beraba, que significa água reluzente ou rio brilhante.

<sup>44</sup> José MENDONÇA. *História de Uberaba*. p.21-22.

A instrução em Uberaba contou com a implantação de muitas instituições escolares. O primeiro estabelecimento de instrução da cidade foi fundado em 1854, pelo Dr. Fernando Vaz de Melo. Este colégio era conhecido pelo nome de "Colégio Cuiabá", porque o mesmo foi instalado no Largo Cuiabá. Entre seus professores estava o próprio fundador do colégio, o Tenente Venceslau Pereira de Lima, Manuel Garcia da Rosa e M. Laragnois. Este colégio possuía curso primário e secundário e funcionou por três anos.

O Colégio *Des Genettes* foi fundado pelo Dr. Henrique Raimundo Des Genettes no ano de 1859 e funcionou até 1861 em uma sede própria construída pelo próprio fundador.

O primeiro Liceu de Uberaba surgiu em 1877 e foi fundado pelo professor César Ribeiro que veio da cidade de Franca. Esta escola era um estabelecimento de ensino secundário. Faziam parte do corpo docente os professores César Ribeiro, Gaspar da Silva, que era um ilustre poeta português, Misael de Abreu Lima Pereira Coutinho, Antonio Silvério Pereira e Frei Germano D'Annecy. Por motivos políticos César Ribeiro fechou o liceu em dezembro de 1879 e voltou para Franca onde reabriu o colégio.

O Colégio Piedade foi fundado em janeiro de 1878 e funcionou até 1882 e era dirigido pelo Cel. Joaquim Antonio Gomes da Silva. O corpo docente era formado pelos professores Antonio Gomes da Silva, Joaquim Dias Soares, Frei Paulino de Fugano, Antonio Silvério Pereira, Major Joaquim José de Oliveira Pena, Alexandre José dos Santos e Antonio Carlos de Araújo.

O segundo Liceu Uberabense foi fundado e dirigido por Antonio Silvério Pereira e funcionou de setembro de 1881 até dezembro de 1882. Este estabelecimento de ensino mantinha os cursos primário e secundário. Os professores que compunham o corpo docente do colégio eram Antonio Silvério Pereira, Alexandre José dos Santos, Frei Germano D'Annecy, Ilídio Salatiel dos Santos, Dr. João Frederico Ludovice, Joaquim Dias Soares e Luís Ribeiro Borges.

Em julho de 1889, foi instalado na cidade o Colégio Uberabense, que foi fundado pelo professor Paulo Frederico Barthes. Era um colégio tão bom que sua fama correu por toda região, pois preparava seus alunos para o ingresso em cursos superiores. Compunham o corpo docente da escola, além do próprio fundador, os professores Joaquim Dias Soares, Alexandre de Sousa Barbosa, Manuel Filipe de Sousa, Ilídio Salatiel dos Santos, Frei Vicente de La Coste, João Frederico Gaede, Henrique Blackeyse, Gustavo Lutz, José de Albuquerque, Antonio Eusébio e José Soares Júnior.

Depois de dois anos a direção do colégio passou para as mãos do Dr. Manuel Joaquim Bernardes que era médico do 2º Batalhão da Brigada de Minas. Mais tarde o colégio passou para uma sede própria graças à dedicação de um farmacêutico da cidade o Major Francisco Sebastião da Costa e ficou então sob a direção do professor Dr. Augusto Ferreira dos Reis.

Em 1896, a sede do Bispado de Goiás transferiu-se para Uberaba e o Revmo. D. Eduardo Duarte Silva adquiriu o prédio do Dr. Augusto Ferreira

dos Reis, onde foi instalado então o Seminário Episcopal. Assim, o colégio Uberabense deixou de existir.

O Colégio Diocesano do Sagrado Coração de Jesus surgiu em 1903 e ficou aos cuidados dos irmãos maristas e teve como primeiro reitor o Irmão Gondulfo. Em 1904, o Irmão Gondulfo foi substituído pelo Irmão Paulino, que trouxe grande prosperidade ao colégio. Ele conseguiu aumentar o número de cursos no colégio, ampliou suas instalações e, em 14 de junho de 1906, através do Decreto Federal nº 6.062 foi equiparado ao Ginásio Nacional (Colégio Pedro II).

Os irmãos maristas mantinham ainda uma escola gratuita destinada àqueles que não dispunham de poder aquisitivo para custear seus estudos. A escola chamava-se Nossa Senhora de Lourdes e era freqüentada por mais de cem alunos pobres.

O colégio manteve ainda por algum tempo, uma escola de agronomia. E tentou ainda a criação de cursos superiores tais como odontologia, agricultura e obstetrícia, sem obter sucesso.

Os jovens da região do Triângulo Mineiro, Goiás, do norte e oeste de São Paulo e de Mato Grosso vinham estudar nesse grande colégio.

Outro colégio de grande prestígio na cidade é o Colégio Nossa Senhora das Dores, que foi fundado em 15 de junho de 1885 pelo Exmo. Revmo. D. Cláudio José Ponce de Leon, que era bispo de Goiás.

As irmãs dominicanas que vieram para trabalhar no colégio, instalaram-se provisoriamente numa das alas da Santa Casa. Somente em 1893, iniciou-se a construção do majestoso edifício onde até hoje está abrigado o colégio.

A construção do prédio só foi possível graças aos esforços do Frei Raimundo Anfossi, que era dominicano e considerado um dos grandes benfeitores da cidade de Uberaba.<sup>45</sup> As irmãs puderam passar para o novo prédio nos fins de setembro de 1895. O colégio mantinha os cursos primário, secundário, curso normal, curso de pintura, canto, música e piano.

O colégio abrigou mais de duzentas alunas pobres que freqüentavam suas aulas gratuitamente. Em 1905, o colégio foi equiparado às escolas normais do estado, sendo considerado um dos melhores estabelecimentos de ensino e um dos mais completos do Brasil.

O Colégio Maria Isabel foi fundado por Joaquim Antônio Pinto da Fonseca e dirigido por D. Maria Isabel Coutinho da Fonseca e manteve-se em funcionamento por seis anos, sendo extinto em 1905.

O Seminário Episcopal foi transferido de Goiás para Uberaba e instalou-se no prédio do Colégio Uberabense, que foi adquirido por D. Duarte Silva em 1896. O primeiro reitor foi o Cônego Hipólito Costa. O Seminário foi extinto em 1899 e, em seu lugar, foi aberto um externato dirigido pelo Padre Celidônio Mateus de São José. O referido externato funcionou até fins de 1902,

---

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 107.

quando então foi entregue aos irmãos maristas, surgindo então o Colégio Diocesano do Sagrado Coração de Jesus.

A primeira instituição de ensino superior foi o Instituto Zootécnico, que era destinado à formação de engenheiros agrônomos. A fundação desse estabelecimento deveu-se ao professor Alexandre de Sousa Barbosa, que na época era deputado estadual, e que apresentou o projeto de fundação do instituto que se tornou realidade através da Lei nº 41 de 3 de agosto de 1894. Realizaram-se na Escola Normal em janeiro de 1895 testes para habilitação das matrículas no instituto, dentre os inúmeros candidatos inscritos apenas 14 foram aprovados. A inauguração do instituto se deu em 15 de agosto de 1896, sob a direção do engenheiro agrônomo Dr. Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho.

Mas o diretor foi destituído do cargo por uma ordem dada pelo Presidente do Estado, que na época era o Dr. Silviano Brandão. Foi uma forma de reagir contra o "Partido da Lavoura" que aqui foi criado para combater o imposto territorial. A primeira e única turma do instituto teve como formandos os engenheiros agrônomos Hildebrando de Araújo Pontes, Fidélis Reis, José Maria dos Reis, Delcídes de Carvalho, Gabriel Laurindo de Paiva, Luís Inácio de Sousa Lima, Militino Pinto de Carvalho e Otávio Augusto de Paiva Teixeira.

Por meio da Lei Mineira nº 2.783 foi criada a Escola Normal em 22 de setembro de 1881 e instalada em 12 de julho do mesmo ano, sob a direção do

Major Joaquim José de Oliveira Pena, o Senador Pena. A Escola Normal trouxe grandes benefícios à cidade de Uberaba com seus serviços de instrução pública formando jovens de ambos os sexos.

A segunda Escola Normal funcionou no prédio do Liceu de Artes e Ofícios e foi dirigida pelo professor Fernando de Magalhães, mas por motivos econômicos a escola não vingou.

A terceira Escola Normal foi criada pelo Governador Milton Campos, em 1948, sendo que na época era prefeito da cidade o Dr. Boulanger Pucci que prestou um grande serviço à escola fornecendo tudo que fosse necessário para o seu funcionamento.

Em 2 de fevereiro de 1924, por intermédio dos professores Valdemar Vieira, José Macciotti e Enoque de Moraes e Castro foi fundada a Escola Técnica de Comércio José Bonifácio. A primeira turma de guarda livros foi diplomada em dezembro de 1927. A escola funcionou como sucursal do Instituto Comercial do Rio de Janeiro até junho de 1931. Nesse período, manteve o curso geral de guarda livros, em 3 anos, na forma do regime estabelecido pelo Decreto nº 17.329 de 26 de maio de 1926. Em 1931, em virtude do Decreto nº 20.158, de 30 de junho de 1931 passou a funcionar sob o regime de inspeção federal. Começou então a manter os cursos propedêuticos e de guarda livros. Em 1933, instalou o curso de perito contador, instituído pelo mencionado Decreto nº 20.158, de 1931.<sup>46</sup>

<sup>46</sup> José MENDONÇA. História de Uberaba, p. 111.

Em virtude do Decreto Lei nº 6.141 a Escola Técnica foi reconhecida como escola em 1943 e cumprindo a nova Lei Orgânica de Ensino Comercial, instalou o curso técnico de contabilidade que começou a funcionar em 1944. A Escola Técnica de Comércio muito contribuiu para a formação de jovens que se engajaram na carreira comercial.

Este breve histórico das escolas fundadas em Uberaba mostra o quanto esses nobres cidadãos que articulavam o sistema de ensino da cidade se mostravam interessados em expandir a cultura e a educação não só a seus habitantes, mas também àqueles que habitavam em outras regiões do país.

#### 4.3. AS ESCOLAS DE UBERLÂNDIA

Uberlândia está localizada na parte norte da região do Triângulo Mineiro. A cidade, antigamente denominada São Pedro de Uberabinha, foi criada pela Lei nº 602 de 21 de maio de 1852 dentro dos seguintes termos:

*Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sanciono a seguinte lei:*

*Art. 1º - Fica criado o Distrito de Paz no lugar denominado São Pedro de Uberabinha, na paróquia e município de Uberaba.*

*Art. 2º - As divisas do novo distrito serão estabelecidas pelo governo, ouvida a Câmara Municipal respectiva.*

*Art. 3º - Ficam revogadas as disposições em contrário.*

*Dr. José Lopes da Silva Viana - Vice Presidente de Minas Gerais".<sup>47</sup>*

<sup>47</sup> Tito TEIXEIRA, Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central, p.24.

A primeira capela foi edificada no ano de 1853 e foi dedicada a Nossa Senhora do Carmo, tendo como provedor, administrador e zelador o Sr. Felizberto Alves Carrejo, de uma das primeiras famílias a chegar a esta cidade.

Em 7 de junho de 1888, pelo Decreto Lei nº 51, São Pedro de Uberabinha foi elevada à categoria de vila. Nesse mesmo ano, em 31 de agosto o arraial passou a categoria de município:

*Art. único: As freguesias de São Pedro de Uberabinha e Santa Maria, ficam elevadas a categoria de Município, desmembradas dos Termos de Uberaba e Monte Alegre, sendo sede na primeira e criado os officios de Justiça. Revogadas as disposições em contrário.*

*Minas Gerais, 31 de agosto de 1888.*

*Ass. Barão de Camargos - Vice Presidente da Província de Minas Gerais.*<sup>48</sup>

Ao tornar-se município autônomo, a cidade passou por uma série de melhorias e a sua urbanização correu em ritmo acelerado. Entre essas melhorias ocorridas no município cabe citar a criação da estrada de ferro, o telégrafo, o cinematógrafo no Teatro São Pedro e o sistema de água potável. Nesta época, a área da cidade girava em torno de 1.100 quilômetros quadrados e a sua população estava calculada em torno de 5.000 pessoas.<sup>49</sup>

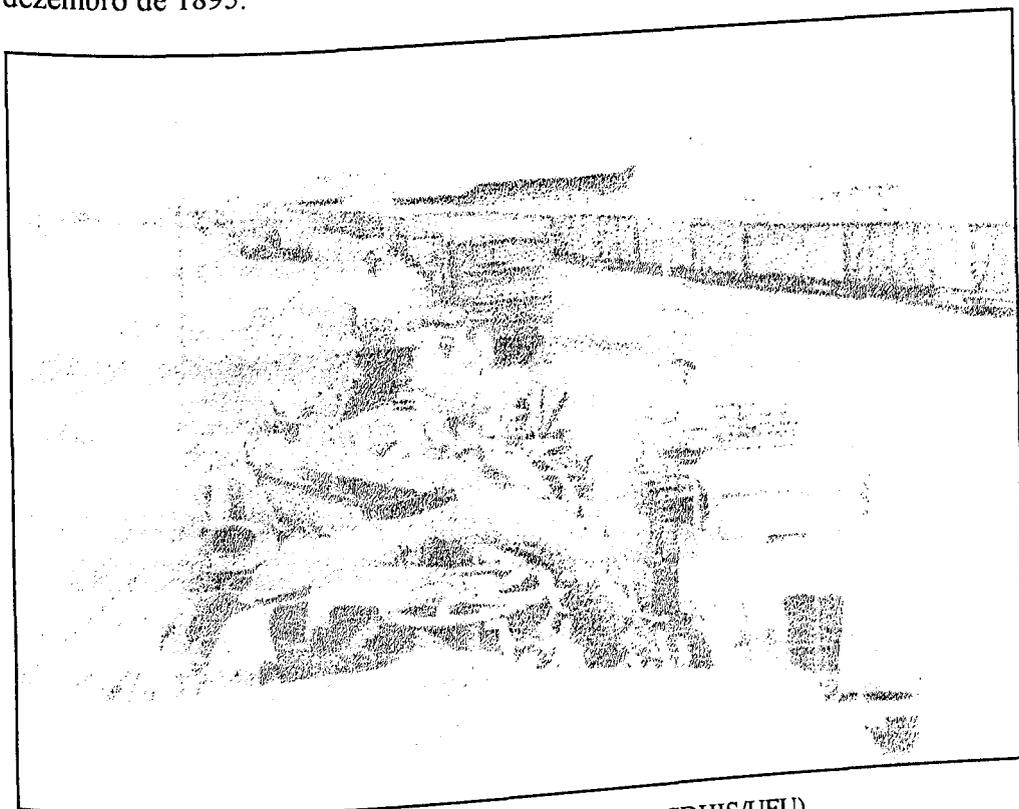
Em 13 de novembro de 1891, pela Lei nº 11 o distrito foi elevado à categoria de comarca de São Pedro de Uberabinha e, no ano seguinte, em 24 de maio de 1892, pela Lei nº 23, todas as vilas-sedes de comarcas foram elevadas

<sup>48</sup> *Ibid.*, p.41.

<sup>49</sup> Jerônimo ARANTES, Corografia do Município de Uberlândia, p.39.

à categoria de cidade. Com a elevação à categoria de cidade São Pedro de Uberabinha passou a ser conhecida apenas por Uberabinha. Nesta época a área global da cidade estava em torno de cinco quilômetros quadrados, com avenidas, uma rede de ruas bem alinhadas e muito bem tratadas. Possuía ainda praças e logradouros públicos em número de nove e belos jardins públicos muito bem cuidados. A população urbana da cidade girava em torno de seis mil habitantes.<sup>50</sup>

Dentro do desenvolvimento da cidade de Uberabinha cabe destacar alguns fatos que muito contribuíram para o progresso da mesma. Cabe aqui citar a inauguração da Estação de Estrada de Ferro Mogiana em 21 de dezembro de 1895.



**Figura 1 - Vista Parcial da Estação Mogiana (Acervo CDHIS/UFU)**

<sup>50</sup> Pedro PEZZUTI, Município de Uberabinha, p.27.

O primeiro jornal da cidade foi lançado em 17 de janeiro de 1897 com o título de *A Reforma*, sob a direção de seu próprio proprietário, Sr. João Luiz da Silva. Em 14 de novembro de 1899 foi inaugurado o primeiro telégrafo da cidade, sob a direção local do telegrafista Luiz M. Nunes Filho.

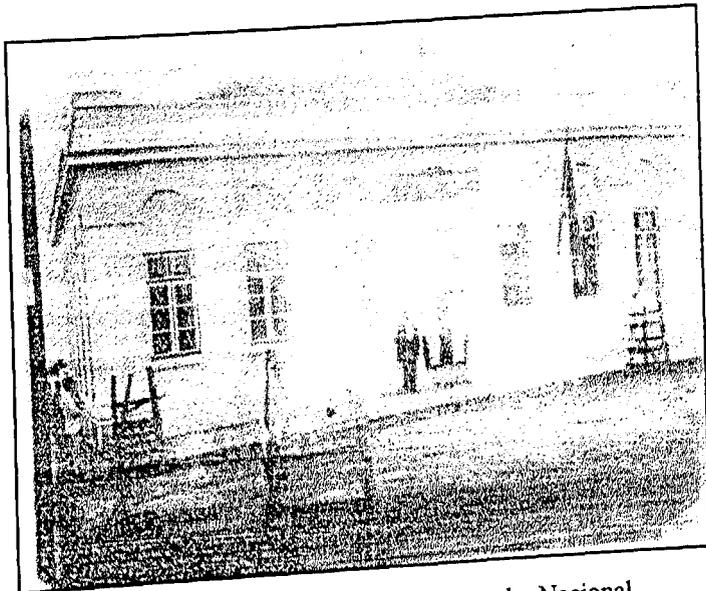


Figura 2 - Fachada da Sede do Telegrapho Nacional  
(Acervo CDHIS/UFU)

Em 1º de janeiro de 1908 foi empossada a primeira diretoria da Santa Casa de Misericórdia, que foi criada por iniciativa do provedor eleito Custódio da Costa Pereira, do Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa e do Major José Gonçalves Valim Pirai.

A primeira ponte suspensa da cidade foi construída sobre o rio Paranaíba, ligando Minas Gerais a Goiás e foi inaugurada pelo governo federal em 15 de novembro de 1909.

A primeira casa de diversões da cidade foi inaugurada por Custódio da Costa Pereira, em 28 de novembro de 1909, com a denominação de Cine Teatro São Pedro.

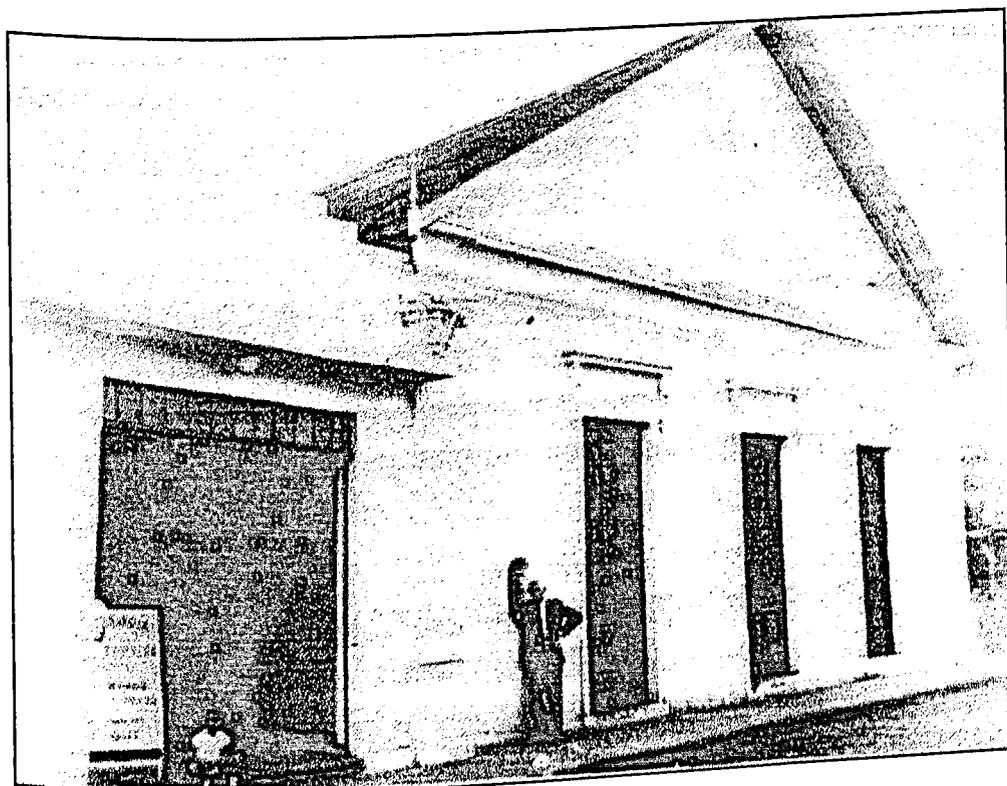


Figura 3 - Cine Theatro São Pedro (Acervo do CDHIS/UFU)

O serviço de energia elétrica foi inaugurado em 24 de dezembro de 1909 com a denominação de Companhia Força e Luz de Uberabinha.

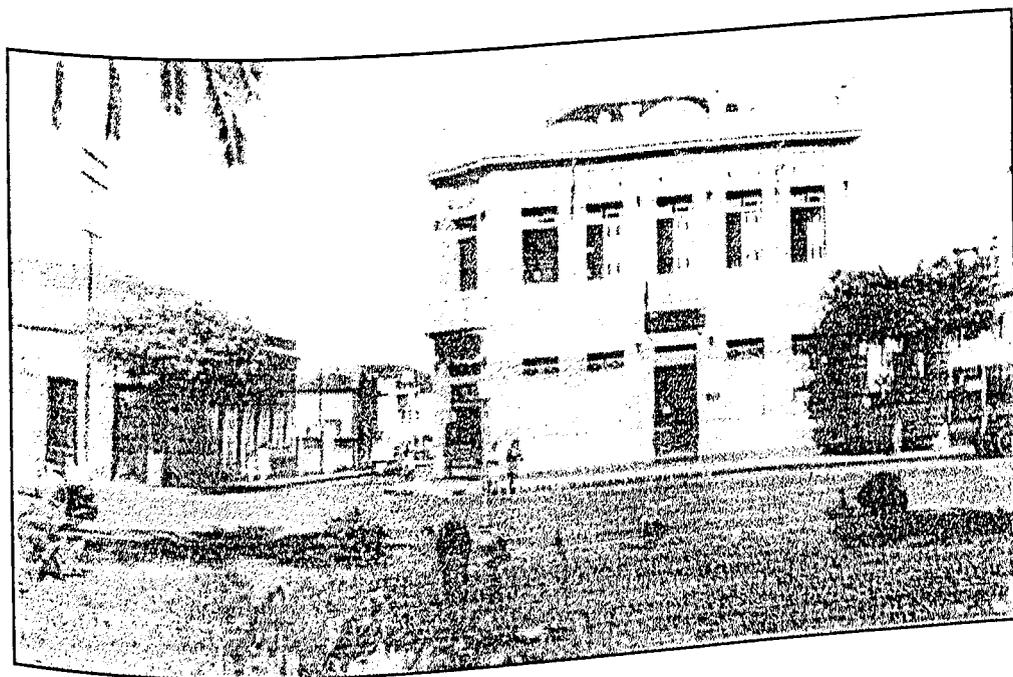


Figura 4 - Companhia Força e Luz (Acervo CDHIS/UFU)

A Empresa Telefônica de Uberabinha foi inaugurada em 29 de novembro de 1910, quando a Câmara Municipal da cidade assinou um contrato de privilégio para exploração das vias telefônicas durante vinte e cinco anos, tendo como explorador o Sr. Carmino Coelho.

Ainda em 1910, foi inaugurado o primeiro serviço de abastecimento de água potável, obra executada pelo então Presidente e Agente Executivo Municipal, o Major Alexandre Marquez.

Em visita à cidade de Uberabinha, o Presidente do Estado, Dr. Júlio Bueno Brandão, prometeu destinar verbas para a construção do primeiro grupo escolar da cidade, fato ocorrido em 5 de maio de 1911.

A Companhia Mineira Auto Viação Intermunicipal em 12 de agosto de 1912 plantou o marco inicial para a construção da primeira auto-estrada da região. Em 1º de fevereiro de 1915, foi inaugurado, pelo Prof. Honório Guimarães, o Grupo Escolar Bueno Brandão.

Em 19 de outubro de 1929 a cidade de Uberabinha recebeu nova denominação, tendo passado a chamar-se Uberlândia. O antigo nome da cidade, São Pedro de Uberabinha, foi dado em homenagem a dois rios que cortavam a cidade, o Ribeirão São Pedro e o Rio Uberabinha. O atual nome Uberlândia vem do latim *Uber* que significa "fértil", e *land* do germânico que quer dizer "terra, país, cidade". Uberlândia quer dizer então "terra fértil".

Quando foi decidida a mudança do nome da cidade houve duas sugestões, uma delas, Uberlândia, que foi um nome criado por João de Deus Faria, um escriturário que trabalhava na casa de Antonio Resende e o outro

nome sugerido foi, Maravilha, criado pelo Sr. Carneiro. Mas o nome escolhido foi mesmo Uberlândia.<sup>51</sup>

A instrução na cidade de Uberlândia sempre foi uma preocupação de seus habitantes, principalmente por parte da família Carrejo. Por isso mesmo a primeira escola primária de Uberlândia foi instalada em 1835 por Felizberto Alves Carrejo em sua própria residência, na fazenda da Tenda, local denominado "Povoado dos Carrejos".

A partir de então iniciou-se aqui expansão escolar com a fundação da primeira escola provincial pública do distrito de São Pedro de Uberabinha que foi instalada, em 1860, pelos professores Antônio Maximiano Ferreira Pinto e D. Honorata Cândida de Paiva Pinto.

O primeiro estabelecimento de ensino secundário da cidade foi o Colégio Uberabinhense, inaugurado em 5 de julho de 1897, e dirigido pelo professor Jerônimo Teotônio de Moraes. No ano de 1902, foi fundado o Externato Carvalho sob a direção de João Basílio de Carvalho, estabelecimento direcionado ao ensino primário. Em 1907 deu-se a fundação do Externato Carvalho de Brito dirigido pelo professor Leôncio do Carmo Chaves de Brito, também destinado ao ensino primário. Ainda no mesmo ano foi fundado também o Colégio Bandeirantes dirigido pelo professor José Félix Bandeira. Em 1908 foi instalado o Colégio Mineiro sob a direção de José Avelino.

---

<sup>51</sup> Entrevista concedida pelo Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves ao Projeto Depoimentos vinculado a Divisão de Patrimônio Histórico e Memória do Arquivo Público Municipal, em 25 de janeiro de 1990.

O Ginásio de Uberabinha foi instalado em 1912 sob a direção de Antonio Luiz da Silveira. O Colégio São José surgiu em 1913 e era dirigido pela irmã Maria Marcelina.

Em 1º de fevereiro de 1915 em uma grande solenidade foi instalado o Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, que foi dirigido por Honório Guimarães de 1915 a 1920. A Escola Rui Barbosa também foi fundada no ano de 1915 e foi dirigida pela Professora Juvenília Ferreira dos Santos.

O Colégio Amor às Letras foi fundado em 1918 pelo professor Jerônimo Arantes e manteve-se em funcionamento até 1933. O Externato Violeta fundado no mesmo ano funcionou até 1921 e foi dirigido pela professora Violeta Guimarães. Foi fundado em 1919 o Instituto Fundamental, sob a direção da Professora Margarida de Oliveira Guimarães. O Colégio Nossa Senhora da Conceição foi fundado em 1920 pela professora Alice Paes e manteve-se em funcionamento até 1927.

Em 1924, foram instalados o Colégio Santa Rita de Cássia de propriedade da professora Clélia Alvim, que funcionou até 1927, o Externato Spenser da professora Iolanda Paes e a Escola Normal que era um anexo do Ginásio de Uberabinha, de propriedade do professor Antonio Luiz da Silveira. Ainda em 1924, foi criada a Associação Brasil Central de Educação e Cultura, mais conhecida como ABRACEC, que manteve-se em funcionamento até 1989.

O Liceu de Uberlândia foi fundado pelos professores Dr. Mário de Magalhães Porto e pelo Sr. Antonio Vieira Gonçalves, em 15 de janeiro de 1928, em regime de internato e externato.

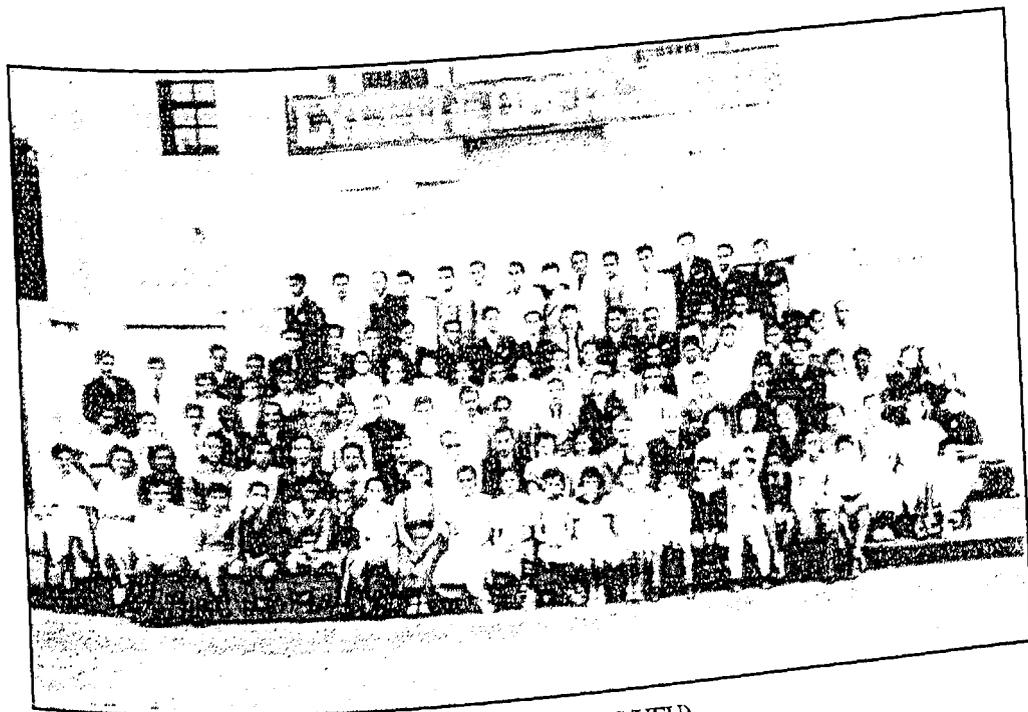


Figura 5 - Lyceu de Uberlândia (Acervo CDHIS/UFU)

Em 1929, o Ginásio de Uberabinha foi estadualizado, por meio do Decreto nº 8958, de 03 de janeiro de 1929, tendo seu prédio sido doado ao Estado sem nenhum ônus, com a denominação de Ginásio Mineiro de Uberabinha.

Anexo ao Liceu de Uberlândia foi criada e instalada a Academia de Comércio de Uberlândia, em 1931, sob a direção do Dr. Nelson Porto.

O Externato Santa Luzia e o Grupo Escolar Minas Gerais foram instalados em 1932. O Grupo Escolar foi criado pelo Presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e mais tarde passou a denominar-se Dr. Duarte, em

homenagem ao primeiro magistrado da comarca o Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa.

Em 11 de fevereiro de 1932, o Colégio Nossa Senhora foi solenemente inaugurado. O interesse em fundar um colégio de caráter religioso era justamente por causa da concepção de espírito religioso que existia entre moradores da cidade. Assim, por insistência do Bispo Frei Luiz Maria de Santana, as missionárias de Jesus Crucificado, com ordem sediada em Campinas, vieram para Uberlândia para instalar nessa cidade um colégio de ensino religioso. As aulas do colégio iniciaram-se em 15 de fevereiro de 1932 com cinquenta alunos iniciantes distribuídos em três categorias: curso primário, de adaptação e jardim de infância.

Em 1933, foi instalado o externato Espírito Santo, que era dirigido pela professora Judí Vasconcelos. Surgiram ainda, no ano de 1934, o externato Rio Branco da Professora Odete de Oliveira Marquez; o Externato Nossa Senhora Aparecida, dirigido pela Professora Julieta Rezende; o Externato Senhora do Carmo, da Professora Corália Sales. Em 1935, foi criado o Externato São Sebastião da Professora Ana Cunha da Silva.

A Professora Raulina Cota Pacheco instalou, em 1936, a Escola Uberlândia e, até o ano de 1939, foram instalados os seguintes externatos: Externato Nossa Senhora de Lourdes, dirigido pela Professora Geny Pires; o Externato Sete de Setembro do Prof. Eliazar Avelino Braga; o Externato Santa Maria da Professora Alayde Braga; o Externato Brasil do Prof. Claudemiro

Terra; o Externato Santa Clara da Professora Ada Castanheira; o Externato Santa Inês da Professora Mabel Pena.

Em 15 de novembro de 1942, foi instalado, anexo ao Liceu, o Ginásio Osvaldo Cruz, que era dirigido pelos professores Dr. Luiz da Rocha e Silva, Dr. Duarte Pimentel de Ilhóa e Henckmar Borges.

Nesse breve histórico sobre as instituições escolares é possível visualizar o processo de implantação das escolas na cidade de Uberlândia. Além disso, o quadro escolar demonstra o predomínio do ensino privado não só nesta cidade, mas também em outras da região do Triângulo Mineiro, pelo menos até os anos quarenta, demonstrando o descaso do Estado em relação a assuntos que dizem respeito à educação nessa região.

Porém, deve-se ressaltar a preocupação por parte daqueles que faziam parte da elite cultural da cidade de Uberlândia, pois para eles o desenvolvimento da cidade estava diretamente ligado à instrução.

Desse modo, o intuito de se investir em educação era justamente o de preparar jovens que, no futuro, pudessem ser responsáveis pelo desenvolvimento e progresso da cidade de Uberlândia.

### **CAPÍTULO 3**

## **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA (1929-1950)**

Este capítulo será dedicado ao exame específico da Escola Estadual de Uberlândia, sendo que, preliminarmente, será feito um histórico da Escola. Em seguida, será apresentada a análise dos conhecimentos adquiridos sobre as representações construídas sobre a Escola, no período de 1929 a 1950, por meio da consulta à documentação e, em especial, aos depoimentos recolhidos junto aos ex-alunos da escola.

#### **1. DE GYMNASIO DE UBERABINHA À GINÁSIO MINEIRO DE UBERLÂNDIA (1912-1929)**

A criação do "Gymnásio Mineiro de Uberabinha" deve-se, entre outras coisas, à preocupação das elites locais com a expansão do ensino escolar na região, pois, diante do descaso que o governo do Estado de Minas Gerais

demonstrava em relação à cidade, o que incluía a inexistência de um estabelecimento de ensino público até os anos trinta, havia necessidade de empreender esforços particulares rumo à escolarização.

A solução encontrada para esse problema foi a doação de prédios pela comunidade e incentivo às instituições particulares. fato que ocorreu não só na cidade de Uberabinha, como também em outras cidades da região.

Em 1912, em Uberabinha, a discussão sobre a criação de um estabelecimento de ensino secundário, era um assunto que merecia destaque, pois o intuito era favorecer a expansão do setor educacional.

Nesse sentido, artigo publicado no ano de 1912 pelo Jornal *O Progresso* enfatizava que a ignorância é a pior desgraça que pode vitimar uma população.<sup>52</sup>

Como resposta a esse tipo de assertiva é que, no mesmo ano, nascia o "Gymnásio de Uberabinha", instituição privada dirigida pelo Sr. Antonio Luiz da Silveira.

Naquela época, este estabelecimento de ensino oferecia o curso ginásial e comercial com um sistema de internato, semi internato e externato. Desde sua gênese, a escola se auto-nomeava como sendo um dos mais importantes estabelecimentos de ensino da cidade, conforme pode-se depreender do texto do anúncio publicado em jornal local e reproduzido a seguir:

<sup>52</sup> Jornal "O Progresso", 10/08/1912. nº 251, p.01.

*O Gymnásio de Uberabinha recebe meninos e meninas, preparando-os para a vida em uma das melhores academias do Paiz, que dispõe de um selecto corpo docente.*<sup>53</sup>

Até então, a maior parte dos estabelecimentos de ensino particular funcionava em residências, espaço pouco adequado, pela falta de comodidade.

O Ginásio de Uberabinha também iniciou suas atividades funcionando em espaço precário, conforme pode-se ver na fotografia a seguir:



Figura 6 - Alunos e Professores na primeira sede do Gymnásio Mineiro de Uberabinha (Acervo CDHIS/UFU)

Motivados pela necessidade de superação dessa precariedade e pelo interesse em ganhar experiência na construção de prédios escolares, um grupo composto por personalidades de grande importância para a cidade, tais como Arlindo Teixeira, Tito Teixeira, José Nonato Ribeiro, Antonio Resende, Custódio Pereira, Carmo Gifoni e Clarimundo Carneiro reuniu-se para angariar fundos na cidade para construir uma sede própria para a escola, em um local onde se pudesse abrigar muitos estudantes durante várias gerações.

<sup>53</sup> Jornal "A Notícia". Órgão de publicação semanal. 13 de Outubro de 1918.

Em 1918, iniciou-se a construção e, em 1921, a obra estava concluída.

Em seguida,  
os sócios da  
empresa  
construtora  
entregaram o  
novo prédio ao  
então diretor do  
Ginásio Mineiro  
o Sr. Antonio



Figura 7 - Vista da Fachada e do Entorno da Sede do Gymnásio Mineiro de Uberabinha (Acervo CDHIS/UFU)

Luiz da Silveira. Já em 1922, a escola começou a funcionar na nova sede.

As novas instalações do prédio foram projetadas pelo arquiteto S. Schate e construída sob a responsabilidade do engenheiro Ribas. A escola possuía, naquela época, uma área total de 4.030 m<sup>2</sup>, sendo que o edifício construído ocupava uma área de 935 m<sup>2</sup>, com área coberta de recreio de 209 m<sup>2</sup> e a área livre de edificação de 2.886m<sup>2</sup>.<sup>54</sup>

As instalações para o internato possuíam área total de 105 m<sup>2</sup>, área de iluminação de 42,84 m<sup>2</sup>. As camas eram em número de 60, com 120 armários individuais. Havia ainda 11 instalações sanitárias e 3 mictórios.<sup>55</sup>

<sup>54</sup> Viviane Santana MENDES, *História e Memória: A Escola Estadual de Uberlândia (1912-1929)*, p.59.

<sup>55</sup> *Ibid*, p.59.

O novo prédio ficava localizado em uma região central, de forma que a construção em estilo neo-clássico era uma das principais da cidade e sua opulência visava demonstrar o prestígio e a respeitabilidade que a escola deveria usufruir no futuro, conforme pode-se verificar na fotografia inserida a seguir:

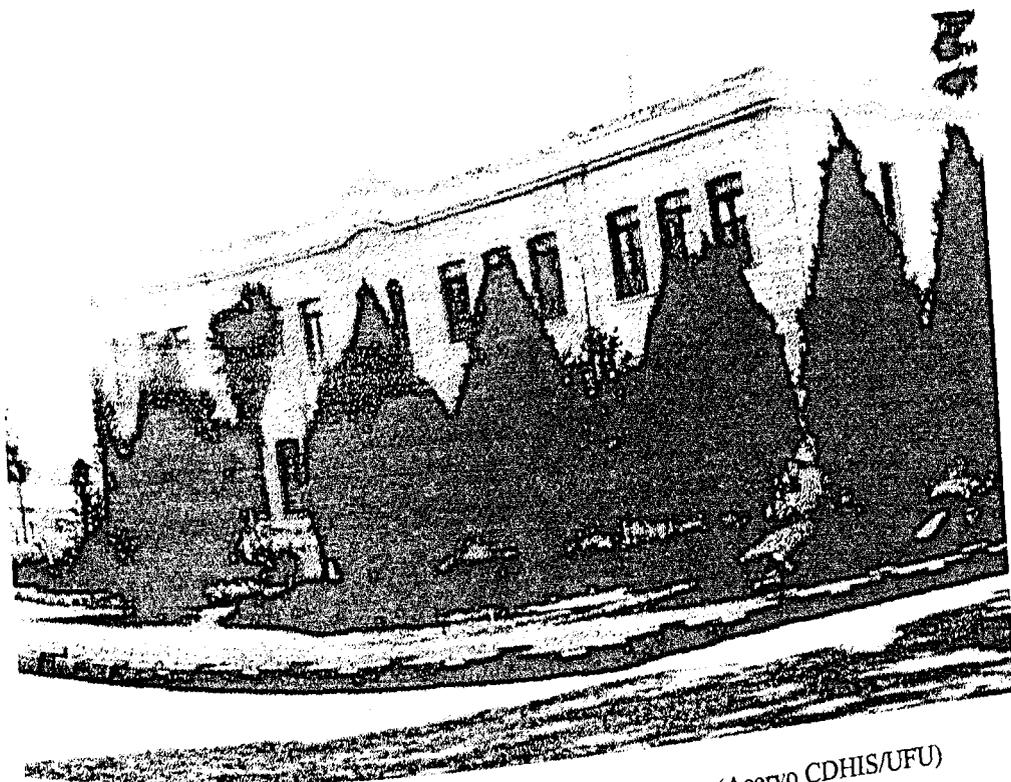


Figura 8 - Fachada do Ginásio Mineiro de Uberlândia (Acervo CDHIS/UFU)

Em arquivos pesquisados na própria escola foi possível perceber a expansão quantitativa do número de alunos. Registros encontrados a partir de 1915 mostram o número de 34 alunos de ambos os sexos. Em 1916, foram registrados 88 alunos entre homens e mulheres. Em 1917, o ginásio contava então com 90 alunos também de ambos os sexos. Em 1928, foi encontrado um livro de matrículas onde estavam registrados 144 alunos, sendo a maioria do sexo masculino.

Nessa época, não havia exame de admissão. Para o aluno ingressar na escola bastava que sua família efetuassem sua matrícula, precisando, para tanto, que fosse apresentado apenas o comprovante de pagamento das taxas exigidas pelo ginásio, certidão de nascimento, atestado de saúde e atestado de conclusão do curso primário.

Em 1918, anúncio publicado em jornal local dá notícia dos custos dos cursos ministrados na escola para a família de seus alunos,

*Gymnásio de Uberabinha*

*Diretor Proprietário: Antonio Luiz da Silveira*

*Uberabinha é uma das cidades mais salubres do Triângulo Mineiro. Seus melhoramentos colocaram Uberabinha como uma das cidades mais adeantadas do estado de Minas.*

*Relação dos alunos Contribuintes:*

*Alunos com pensão Mensal: 300\$000*

*Jóia Anual: 50\$000*

*Lavagem de roupa: 250\$000*

*Primário taxa semestral: 75\$000*

*Secundário taxa semestral: 150\$000*

*Pagamento de duas prestações adeantadas, sendo a primeira no ato da matrícula e a Segunda em primeiro de*

*[Faltou uma parte do jornal] <sup>56</sup>*

Deste modo, o ginásio passou a funcionar em local amplo, passando a ter, inclusive, alguns anexos. A Escola de Comércio era um desses anexos. Os

<sup>56</sup> Jornal A Notícia, 13 de outubro de 1918, p.4.

cursos oferecidos eram de Datilografia, Contabilidade e Taquigrafia, com duração de três anos.

Na Escola de Comércio, a parte comum das disciplinas ministradas incluía basicamente as seguintes: Português, Inglês, Francês, Geografia Descritiva, Aritmética Comercial, Escrituração Mercantil e Datilografia, no primeiro ano.

No segundo ano as disciplinas eram Português, Inglês, Francês, Geografia, Economia, Caligrafia, Aritmética Prática, Escrituração Mercantil, Correspondência Comercial, Taquigrafia e Datilografia.

Por fim, no último ano as disciplinas eram: Português, Inglês, Economia Política, Datilografia, Taquigrafia, Direito Comercial, Aritmética Aplicada e Correspondência Comercial.<sup>57</sup>

No ano de 1924, a Escola de Comércio foi reconhecido pelo Governo Federal, por meio do Decreto nº 3.239, com habilitações de Guarda Livros e Contador. Essa escola era filiada ao Instituto Comercial do Rio de Janeiro, sendo considerado um departamento do referido instituto, que fiscalizava os exames e conferia os diplomas aos alunos.<sup>58</sup>

Ainda em 1924, foi fundada outra instituição anexa, desta feita instalava-se a Escola Normal, sendo a mesma reconhecida e equiparada a Escola Normal Oficial por meio do Decreto nº 7.349 de 3 de Setembro de

<sup>57</sup> Jornal A Tribuna, 12 de Abril de 1922, nº 126, p.2.

<sup>58</sup> Viviane Santana Mendes, História e Memória: A Escola Estadual de Uberlândia (1912-1929), p.67

1926. Esta escola funcionava, nesse período, sob a direção do professor José Inácio de Souza.<sup>59</sup>

Houve, também, outra instituição funcionando anexa ao Ginásio, o Lyceu de Uberlândia, inaugurado em 1928 tendo como seus fundadores Antonio Vieira Gonçalves e Mario Porto. Este último ocupava, nessa época, o cargo de diretor do Lyceu.

Cabe ressaltar que os alunos matriculados no ginásio e em seus anexos eram filhos quase que exclusivamente de pessoas abastadas da cidade e da região, especialmente fazendeiros e comerciantes.

Quanto aos professores, eles eram nomeados após concurso, mas o reitor do estabelecimento organizava uma lista com nomes de candidatos habilitados, que eram enviados ao Presidente do Estado, que fazia então a nomeação dos professores por ordem de classificação.

Este estabelecimento de ensino, desde a sua fundação, foi considerado uma das mais importantes escolas da cidade, tendo chegado a ser classificada como escola "elitista", justamente por ser uma escola privada, que cobrava altas taxas de matrícula e por ter em seu quadro de alunos pessoas ligadas às famílias das altas rodas da sociedade uberlandense e região e por serem seus fundadores personalidades de grande influência política.

A direção do ginásio ficou nas mãos do farmacêutico e professor Antonio Luiz da Silveira, até 1926, quando o mesmo teve desentendimentos

---

<sup>59</sup> Ibid, p. 67.

com a diretoria da Sociedade Progresso de Uberabinha (mantenedora do Ginásio) que o afastou da escola, o que levou o referido professor a voltar para sua cidade natal, Cravinhos, tendo o professor José Avelino assumido o referido cargo.

O Ginásio de Uberabinha funcionou como instituição privada até 1928, quando o então Senador Camilo Chaves tentou uma autorização junto com ao Presidente do Estado, Antonio Carlos de Andrada, com a finalidade de regulamentação da existência da Escola Normal oficial em Uberabinha.

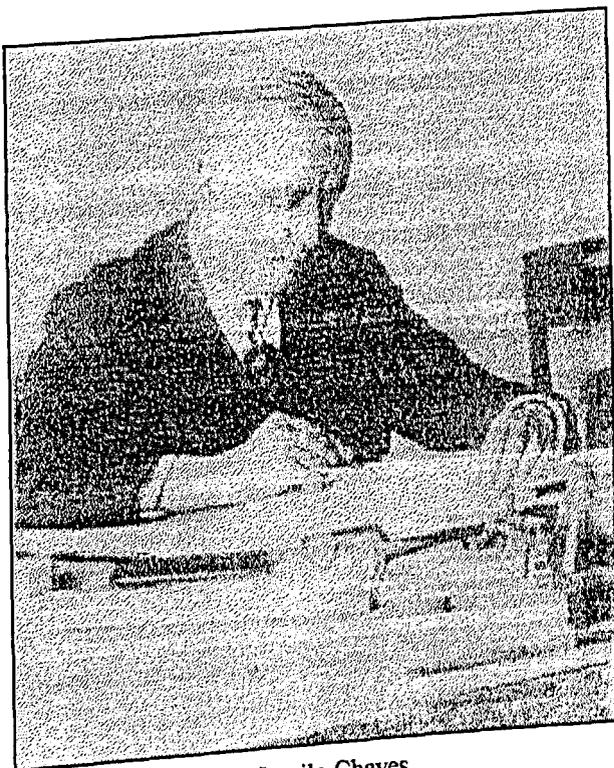


Figura 9 - Senador Camilo Chaves

Porém, em função de uma antiga rivalidade com a cidade vizinha, Uberaba, que por meio da interferência dos representantes de Uberaba que integravam o parlamento, fizeram um protesto, conseguindo alterar o decreto presidencial, passando a criação da Escola Normal para Uberaba.

Em função desse desentendimento e por sugestão do próprio Presidente que, a partir de um esforço de conciliação política, no qual houve o empenho do Senador Camilo Chaves, foi criado, por meio do Decreto nº 8.958 de 3 de

Janeiro de 1929, um estabelecimento de instrução secundária oficial, que deveria estar em acordo com o programa do internato do Ginásio Mineiro de Barbacena, conforme pode-se verificar no texto do referido decreto:

*Cria o Ginásio Mineiro de Uberabinha.*

*O Presidente do Estado de Minas Gerais, usando da atribuição que lhe confere o art. 57 da constituição e dando execução a lei 1.052, de 25 de setembro de 1928 resolve:*

*Art. único - Fica criado na cidade de Uberabinha, um estabelecimento de instrução secundária, organizado nos moldes e de acordo com o programa do Internato do Ginásio Mineiro de Barbacena.*

*1º - A matrícula do novo ginásio, verificar-se-á no período de 10 de abril, como dispõe o regulamento em vigor.*

*2º - Fica o Secretário do Interior autorizado a contratar os respectivos professores e aprovar sobre o seu funcionamento, podendo expedir instruções que se tornem necessárias.*

*Belo Horizonte, 3 de janeiro de 1929,  
Antonio Carlos Ribeiro de Andrade<sup>60</sup>*

Para agilizar a instalação do ginásio, a Sociedade Progresso de Uberabinha, resolveu, de comum acordo, doar o prédio ao Estado, sem qualquer ônus. Deste modo, no final do ano de 1929, a cidade de Uberabinha, que já havia mudado seu nome para Uberlândia, assistiu à mudança de designação do Ginásio Mineiro de Uberabinha que passou a se chamar Ginásio Mineiro de Uberlândia.

<sup>60</sup> Efemérides e Leis Memoráveis da História de Uberlândia (1810-1949) - Arquivo Público Municipal, p.18.

## 2. O GINÁSIO MINEIRO DE UBERLÂNDIA

O Ginásio Mineiro de Uberlândia deu continuidade ao funcionamento da instituição nas modalidades de internato, semi-internato e externato, com o aumento de seu prestígio devido à transformação em instituição de ensino público, pois continuou a receber filhos das famílias de renome da cidade na época, tais como os Teixeira, Gifoni, Carneiro, Pereira, Camim, Pacheco dentre outros.

O primeiro reitor deste estabelecimento de ensino, após sua estadualização, foi o Dr. Mario de Magalhães Porto que exercia, naquela época, o cargo de promotor de justiça da cidade.



Figura 10 - Dr. Mário Porto, primeiro reitor do Ginásio Mineiro de Uberabinha (Acervo CDHIS/UFU)

Dr. Mario de Magalhães Porto nasceu na cidade de Caruaru, em Pernambuco, tendo feito nesta cidade seu curso primário e ginásial, ingressando posteriormente na conceituada Faculdade de Direito de Recife.

Quando começou a exercer a função de promotor de justiça foi transferido para a cidade de Uberabinha. No início de 1928, fundou o Liceu de Uberabinha, que como já foi dito anteriormente funcionava como anexo do

Ginásio de Uberabinha. Além de atuar como reitor o Dr. Mario Porto, como era conhecido na cidade, também foi catedrático de História.<sup>61</sup>

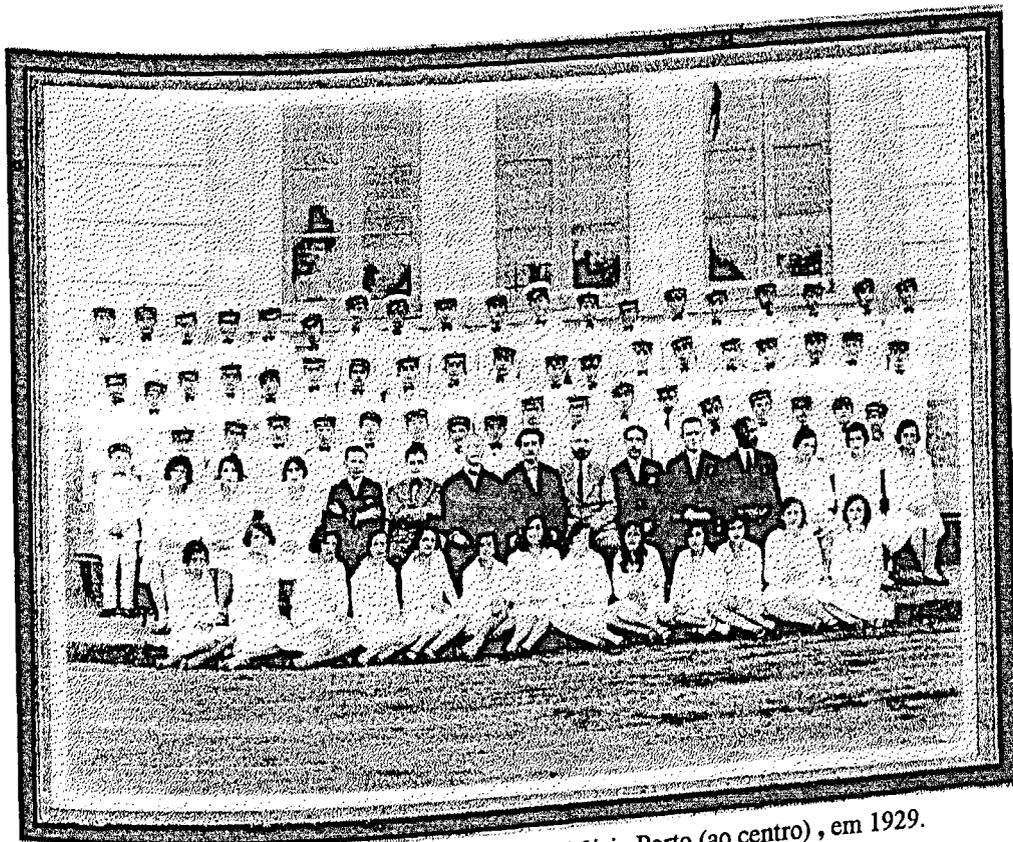


Figura 11 - Alunos, Professores e o Diretor, Dr. Mário Porto (ao centro), em 1929.  
(Acervo Particular - Isolina Cupertino)

Nos registros existentes no arquivo da escola com data do ano de 1930, o corpo docente do ginásio era composto pelos seguintes professores: João Martins Coelho (Latim), Luiz Gonzaga Cardoso Rangel (Português); José Felinto (Inglês), Antonio Lobo Leite Pereira (Francês), Guenther Brune (Alemão), Antonio Vieira Gonçalves (Aritmética, Álgebra e Trigonometria),

<sup>61</sup> Viviane Santana Mendes, História e Memória: A Escola Estadual de Uberlândia (1912-1929), p.64

Vitorino Semola (Desenho), Luiz Rocha e Silva (Matemática), Leônidas Padua de Mello e Sousa (Filosofia) e José Andrade Santos (Cosmografia).<sup>62</sup>

Ainda em 1930, com a propaganda revolucionária, a cidade de Uberlândia esteve muito envolvida com os comandos de revolução que foi deflagrada no mês de outubro daquele mesmo ano.

O Ginásio Mineiro foi utilizado como sede do quartel general das Forças Armadas Revolucionárias do Triângulo Mineiro, que era comandada pelo Senador Camilo Chaves e pelo Capitão do 5º Batalhão da Força Pública de Minas Gerais, o Sr. José Persilva.

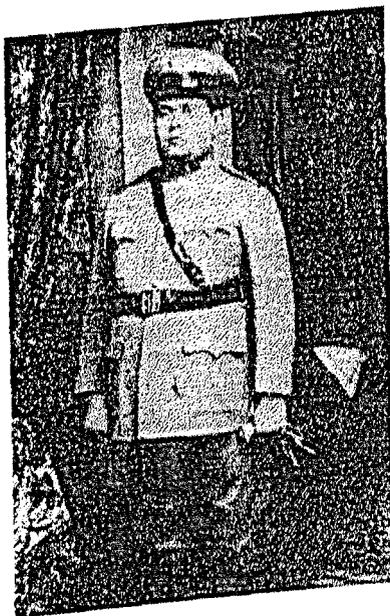


Figura 12 - Major José Persilva, comandante do Triângulo Mineiro na Revolução de 1930 (Acervo CDHIS/UFU)

As convocações eram feitas por edital os quais eram publicados no jornal intitulado Diário da Revolução que circulava apenas na cidade de Uberlândia e trazia notícias

políticas e acontecimentos importantes ligados ao nome de Getúlio Vargas.

Um dos editais publicados no referido jornal traz a seguinte convocação:

<sup>62</sup> Livro de Ata de Reuniões de 30/12/1930 s/n.

*Commando Geral das Forças Revolucionárias no Triângulo Mineiro em Uberlândia, aos 13 de Outubro de 1930.*

*Edital*

*Ficam pelo presente edital convocados todos os reservistas deste município para comparecerem no Commando Geral, no Edifício do Gymnásio sem perda de tempo, logo que tenham conhecimento do presente edital. A lista de reservistas está em poder do Commando Geral e serão considerados desertores e tratados como tal todos os que não comparecerem.*

*Dado e passado em Uberlândia, aos 13 de outubro de 1930*

*(a) Camilo Chaves*

*(Comamandante Chefe)*

*(a) Capitão Persilva*

*Governador Militar<sup>63</sup>*

Além dos reservistas convocados, existia também um batalhão masculino composto por 50 voluntários, um batalhão feminino e um serviço médico.

A função desse comando era proteger a cidade de Uberlândia, guardando suas pontes e fronteiras do Estado.

Esse jornal foi considerado um importante órgão de divulgação de notícias sobre a revolução e era administrado pelos professores Eurico Silva, José Aparecido Teixeira, Nelson Cupertino e Nelson Porto, todos professores do Ginásio. A sede do jornal "Diário da Revolução" era no próprio ginásio e

<sup>63</sup> Diário da Revolução, nº5, 11/10/30 p.3.

possuía uma estação de rádio telegrafia, por meio da qual eram recebidos e deliberados os despachos do movimento em Uberlândia.

Esse foi um período de grande agitação na cidade que alterou por completo o seu cotidiano, uma vez que o Triângulo Mineiro estava entre os Estados inimigos São Paulo e Goiás.<sup>64</sup>

Como o ginásio estava sendo usado como sede do comando geral, as atividades acadêmicas neste estabelecimento de ensino foram suspensas, o que acabou prejudicando o calendário acadêmico.

Devido à ocorrência deste fato o Grêmio Literário publicou a seguinte nota no Diário da Revolução:

*[...] solidários com o movimento da classe estudantina, os alunos do Gymnásio Mineiro de Uberlândia vem a todos respeitosamente rogar a vossencia afim do Governo Provisório conceder este anno promoção dos cursos sujeitos ao Poder Federal mediante médias e freqüências..., em virtude do prédio ser requisitado para QG..., foram as aulas suspensas durante um mez (...)<sup>65</sup>*

As atividades acadêmicas do ginásio foram reiniciadas somente em 1931, voltando então a sua normalidade.

<sup>64</sup> Viviane Santana MENDES, *História e Memória: A Escola Estadual de Uberlândia (1912 - 1929)*, p.70.

<sup>65</sup> Sobre os Exames no Gymnásio Mineiro, Grêmio Cívico Literário, Diário da Revolução, 15/11/30, nº 35, p. 02.

Dr. Mario Porto, diretor do Ginásio, conseguiu reorganizar a escola e engrandecer ainda mais o nome do ginásio. Percebe-se que os uberlandenses, de modo geral, tinham muito orgulho de sua cidade e do Ginásio Mineiro. Em artigo publicado pela Associação dos Estudantes Secundários de Uberlândia-A.E.S.U., a mesma fazia uma referência à cidade, citando-a como centro de irradiação educacional, utilizando-se das palavras de um pedagogo de Belo Horizonte, após este examinar alguns alunos que tiraram os seus diplomas de bacharéis em ciências e letras neste estabelecimento de ensino.<sup>66</sup>

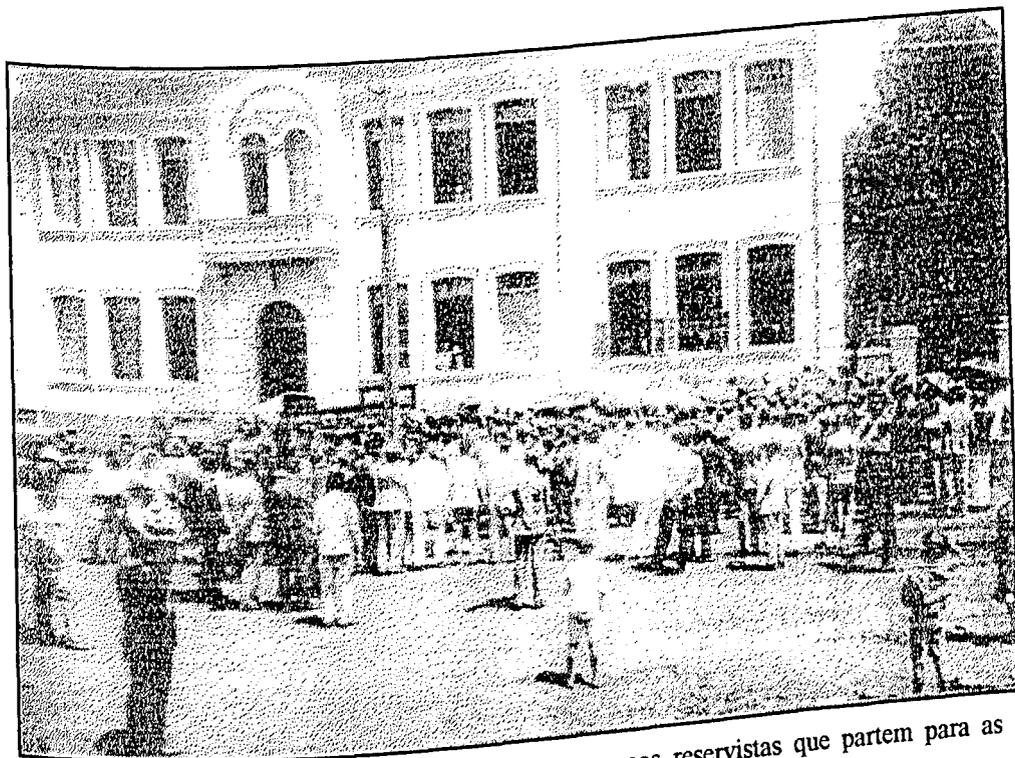


Figura 13 - Discurso do Senador Camilo Chaves aos reservistas que partem para as fronteiras (Acervo do CDHIS/UFU - 17/10/1930)

Nos anos trinta, o Ginásio Mineiro ganhou considerável renome chegando a suplantar grandes centros de ensino pelo seu método prático e

<sup>66</sup> Cosme Lúcio, Uberlândia, Centro de Irradiação Educacional, A.E.S.U. (Associação dos Estudantes Secundário de Uberlândia), 07/06/ 1934, exemplar 002, p.4.

teórico de ensinar. Por isso os estudantes do ginásio valorizavam tanto a pessoa de seu diretor, Mário de Magalhães Porto.

Segundo os estudantes, esse dirigente demonstrava um alto grau de superioridade e cujo espírito idealista integrava o dever único de instruir.<sup>67</sup>

O reitor permaneceu na direção deste estabelecimento de ensino durante cinco anos, no período de 1929 a 1934, tendo conseguido, conforme os depoimentos da época, levantar ainda mais o nome do Ginásio e enaltecer a cidade por meio de seus alunos.

No quadro a seguir estão apresentados os diretores da escola no período enfocado nesta pesquisa:

**Quadro 1**  
Relação de Diretores da  
Escola Estadual Uberlândia  
(1929-1968)

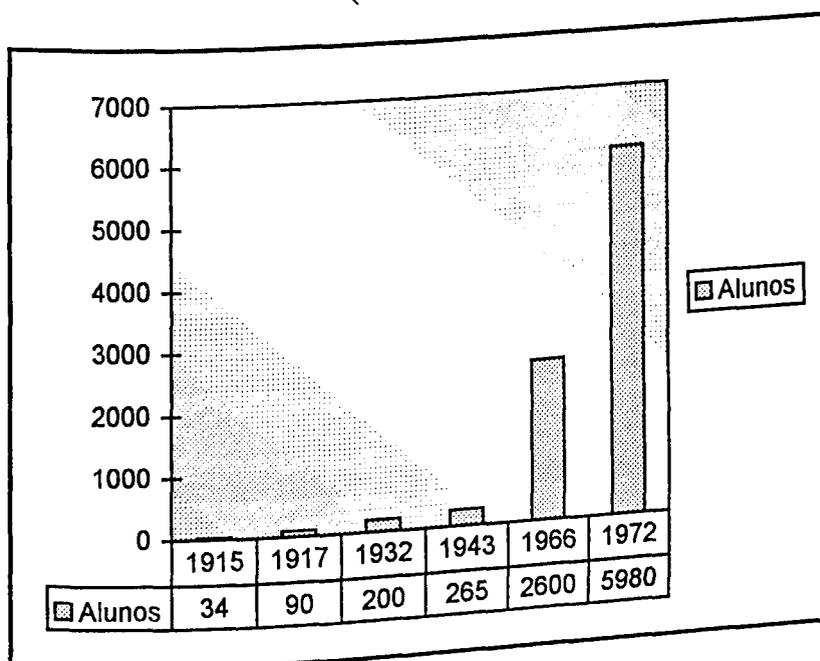
Nome	Período
Mário de Magalhães Porto	(1929-1934)
Aniceto Maccheroni	(1935)
Luiz da Rocha e Silva	(1935-1937)
João Gonzaga de Siqueira	(1937-1939)
Oswaldo Vieira Gonçalves	(1939-1968)

Fonte: Acervo da Escola Estadual Uberlândia.

<sup>67</sup> Ibidem, 07/06/1934, exemplar 002, p.4.

No período compreendido entre os anos de 1929 a 1950 é notável o número crescente de alunos que procurou a escola para realizar seus estudos secundários, conforme pode-se observar no gráfico exposto a seguir:

**Gráfico 1**  
Evolução Quantitativa do  
Número de Alunos da Escola  
Estadual de Uberlândia  
(1912-1972)



Fonte: Acervo da Escola Estadual Uberlândia.

Ao lado desse crescimento quantitativo pode-se afirmar que houve a consolidação de uma imagem positiva da escola, no que diz respeito à sua qualidade, pois, por meio sobretudo da divulgação efetivada por seus egressos, muitos alunos de fora passaram a procurá-la para efetivarem seus estudos.

É importante ressaltar que, neste período, muitos alunos de renome passaram por esta escola, personalidades que hoje fazem parte da elite política

e cultural da cidade, com atuação e reconhecimento em nível regional e nacional.

De modo geral, os egressos e ex-professores, afirmam que a escola sempre se preocupou com a formação de um cidadão com noções de respeito, de disciplina, mas, principalmente preocupada em transmitir uma cultura, um saber, haja vista que "um homem sem cultura seria um homem sem alma" e, por esse motivo, a escola contribuiu sobremaneira para que seus egressos se tornassem políticos, médicos, artistas e empresários reconhecidos e consolidados em suas profissões.

## 2. 1. REPRESENTAÇÕES DISCENTES E DOCENTES

O período de 1929 a 1950 foi muito rico para o Ginásio Mineiro de Uberlândia, pois o Ginásio foi palco dos acontecimentos sociais, uma vez que a cidade ainda não possuía uma sede para seus acontecimentos dessa natureza.

Nesse sentido, na sua maior parte, as festividades, bailes e campeonatos esportivos eram realizados na escola. Além disso, o Ginásio era local onde os alunos se encontravam e se confraternizavam, não só entre eles, mas, também, contando com a presença de colegas de outros estabelecimentos de ensino da cidade e região, que participavam dos eventos culturais e esportivos promovidos na e muitas vezes pelo próprio Ginásio e seus anexos, sendo que muitas dessas festas e bailes eram promovidas pela Associação dos Estudantes Secundários de Uberlândia- AESU.

Dr. Rondon Pacheco, aluno do Ginásio entre 1931 e 1935, afirmou, em seu depoimento, que a participação nos eventos promovidos pela escola era total. Segundo ele:

*Os alunos participavam muito das festividades, havia uma integração muito grande e eram muito unidos.*<sup>68</sup>

Os feriados civicos eram rigorosamente comemorados pela escola, com destaque para o 13 de maio, o 21 de abril, o 7 de setembro e o 15 de novembro, ocorrendo participação massiva dos alunos.

A Independência do Brasil, por exemplo, era comemorada com uma grande parada, cujo desfile ocorria nas principais ruas da cidade. Desta festividade participavam os alunos do Ginásio e os de outras escolas que ajudavam a organizá-la. Os alunos participavam usando o uniforme da escola, um uniforme de "brim caqui que possuía um talabar, tinha umas correias de couro, o uniforme lembrava uma farda militar". Segundo o Dr. Francisco Humberto, aluno do Ginásio nos anos cinquenta, o uniforme era motivo de muito orgulho. A escola possuía uma fanfarra que nas grandes comemorações cívicas ia à frente dos alunos comandando o desfile da escola. O Dr. Francisco Humberto lembra ainda que também participavam dos desfiles os integrantes do Tiro de Guerra e do 36º Batalhão de Infantaria.

---

<sup>68</sup> Depoimento concedido à pesquisadora.

Além de todos esses eventos o ginásio promovia ainda a apresentação de peças teatrais. Segundo o Dr. Rondon Pacheco, o Dr. Mario Porto, um dos primeiros diretores do ginásio, chegou a compor uma opereta para os alunos intitulada "O Itararé, a batalha que não se realizou", com temática relacionada a Revolução de 1930.<sup>69</sup>

Segundo Maria Oranides Crosara, aluna do Ginásio entre 1937 e 1942, pertencente a uma família tradicional da cidade de Uberlândia, outras peças de teatro eram representadas na escola, contando com textos de autores como como Shakespeare, entre outros. Ressaltou que essas atividades sempre contavam com grande participação tanto dos alunos quanto dos professores, sendo que membros desses dois grupos ajudavam na montagem das peças.



Figura 14 - Maria Oranides Crosara, aproximadamente em 1938, com uniforme do colégio

<sup>69</sup> Depoimento concedido à pesquisadora.

A prática esportiva também foi algo muito marcante na vida dos ex-alunos da escola. Havia as olimpíadas estudantis, evento que mobilizava toda a escola. A disputa com outras escolas era muito acirrada, em esportes como voleibol, basquetebol e futebol. Os jogos acabavam por envolver também a cidade, pois os locais onde as disputas eram realizadas ficavam lotados de alunos e de pessoas comuns da cidade.

Como se pode perceber havia uma relação muito próxima entre o Ginásio e a cidade. Era uma época diferente, divaga o Dr. Afrânio Marciliano de Freitas Azevedo, ex-Secretário de Educação de Uberlândia e que estudou na escola entre 1948 e 1953. Para ele,

*Uberlândia, no final dos anos 40 início dos anos 50, ainda era uma cidade pequena, onde as ruas eram de paralelepípedos e as pessoas podiam sentar-se com tranqüilidade à porta de sua casa no final da tarde.<sup>70</sup>*

O Ginásio, desde a sua fundação, sempre esteve presente na vida da cidade. Apelidado de "Museu", provavelmente pela imponência de seu prédio, com sua arquitetura eclética, formou diversos alunos que seriam dirigentes do setor público e privado responsáveis pelo desenvolvimento da cidade, conforme pode-se verificar no quadro exposto a seguir:

---

<sup>70</sup> Depoimento concedido à pesquisadora.

**Quadro 2**  
**Personalidades de Uberlândia e**  
**Região que estudaram na Escola**  
**Estadual Uberlândia**

Aluno	Atividade Exercida Atualmente
Adib Jatene	Médico/Ex-Ministro da Saúde
Alfredo Resende	Empresário
Ataulfo Marques M. da Costa	Ex-Reitor da UFU (2 gestões)
Darlan Rosa	Artista Plástico
Francisco Humberto	Ex-Vice Prefeito de Uberlândia
Gladstone Rodrigues	Médico/Ex-Reitor da UFU (2 gestões)
Hélvio Lima	Pintor
Homero Santos	Ministro do TCU
Luiz Garcia	Empresário
Mauro Mendonça	Ator
Moacir Franco	Cantor e Ator
Odelmo Leão Carneiro	Deputado Federal
Paulo Ferolla	Ex-Prefeito e ex-Vice Prefeito de Uberlândia
Raul Belém	Deputado Federal
Zaire Resende	Deputado Federal e Prefeito de Uberlândia
Renato de Freitas	Ex-Prefeito de Uberlândia
Afrânio Marciliano de Freitas Azevedo	Ex-Secretário de Educação de Uberlândia
Rondon Pacheco	Ex-Deputado Federal e Estadual, Ex-Governador de Minas Gerais/Ex-Ministro da Casa Civil no Governo Costa e Silva

Fonte: Associação de Ex-Alunos da Escola Estadual de Uberlândia - ASES

Evidentemente uma lista como essa coaduna-se com texto publicado no jornal *O Correio* em 1948, com o título de *Colégio Estadual de Uberlândia, viveiro de cidadãos dos quais se orgulha a sociedade*, no qual era enfatizado o fato da escola ser uma grande casa de ensino.<sup>71</sup>

De fato, nenhum outro estabelecimento de ensino da cidade teve a oportunidade de somar entre seus egressos, personalidades que teriam no futuro tanta visibilidade pública e destaque social. Nesse sentido, a imagem do colégio fixou-se como sendo uma instituição elitista, justamente por ter

<sup>71</sup> Oscar Gomide, *Colégio Estadual de Uberlândia, viveiro de cidadãos, dos quais se orgulha a sociedade*, *Jornal O Correio*, 29/03/48, nº 2.370, p.3.

abrigado em seus bancos escolares filhos de personalidades ilustres da cidade e de pessoas que só vieram a ter destaque depois de saírem da escola como foi o caso de Moacyr Franco que era filho de caminhoneiro e hoje é muito conhecido no meio artístico.

Adib Jatene que foi Ministro da Saúde e é um médico muito conceituado e conhecido em todo Brasil, era filho de Dona Nice, uma senhora que possuía uma loja de armarinhos e que segundo o Dr. Duarte Ulhôa Portilho, não tinham nada além disso e às vezes chegavam a viver na penúria.<sup>72</sup>

O regime disciplinar da escola também fez tradição, pois sempre foi considerado muito rígido. O acompanhamento dos alunos era feito bem de perto, por isso aquele que faltasse muito às aulas era logo investigado e a direção da escola entrava em contato com os pais dos alunos faltantes.

Em outras palavras, os alunos eram constantemente monitorados e não era permitido nenhum deslize, caso houvesse, o aluno era punido com advertência e se fosse necessário, era aplicada a suspensão.

Mauro Mendonça que atualmente é ator reconhecido em todo país, estudou no Ginásio no período de 1948 a 1950, considerava que *era um regime sério, quase rigoroso. Era o espelho de seu diretor, Osvaldo Vieira Gonçalves.*<sup>73</sup>

<sup>72</sup> Núcleo de História e Historiografia da Educação - Depoimento concedido a Carlos Henrique de Carvalho em 13/05/99, p.8.

<sup>73</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

O Sr. Virgílio Galassi, importante político da cidade de Uberlândia, estudou no Ginásio nos anos quarenta. Para ele,

*A disciplina era mais forte, era mais exigente do que hoje.  
Claro que uma disciplina séria mas sem violência. Mas  
havia uma disciplina, havia um respeito muito grande.<sup>74</sup>*

Muitos dos ex-alunos disseram que apesar da disciplina rígida, esse fator foi muito importante para o seu crescimento individual, uma vez que no decorrer de suas vidas essa disciplina se fez necessária.

O Ginásio Mineiro de Uberlândia, segundo os entrevistados, os fez aprender a respeitar e serem respeitados; ensinou-os a serem bons cidadãos e a compreender que a vida é construída com base na disciplina.

Esses mesmos ex-alunos entrevistados consideraram que no período em que estavam no Ginásio, os conteúdos de ensino aplicados eram muito ricos, havendo muitas disciplinas, tais como Desenho, Matemática, História, Ciências, Geografia, Francês, Inglês, Latim, Português, Química, Física, Educação Física e Canto.

Para eles, os professores eram muito exigentes, fazendo com que os alunos realmente estivessem preocupados em aprender. Evidentemente, que todos avaliaram a metodologia de ensino como sendo tradicional, sem experiências alternativas de ensino, pois, segundo alguns, *não havia os recursos de hoje.*

---

<sup>74</sup> Depoimento concedido à pesquisadora.

Normalmente, as aulas efetivavam-se por meio de uma exposição teórica do professor, sendo que o aluno, caso tivesse alguma dúvida, poderia solicitar os esclarecimentos necessários durante a aula e com o professor.

Em linhas gerais os conteúdos de ensino, segundo seus egressos, eram muito bons. Todos avaliaram que seus professores tinham grande qualidade, porém, os entrevistados afirmaram a existência de diferenças quanto à simpatia de cada um dos professores.

As relações estabelecidas entre os alunos é algo que traz muita saudade a seus egressos, segundo eles, havia pequenos grupos de alunos dentro da escola, grupos formados por pessoas mais próximas e que tinham mais afinidades, mas, apesar disso, não havia desavenças entre eles, no geral todos se davam muito bem na escola.

O Dr. Paulo Ferolla, importante político da cidade de Uberlândia, estudou no Ginásio entre 1943 e 1949, ao comentar a respeito de suas relações com os colegas da escola naquela época, afirmou que

*Eu sempre tive muita facilidade de me comunicar, sempre fui uma pessoa muito dada, simples e a maior riqueza que eu tenho na vida é a facilidade de fazer amigos e conservar os amigos. Eu tenho uma lembrança das mais gratas do meu tempo de escola, de colégio, porque fiz um número de amizades enorme, muito grande, que me serviram muito em minha vida e estão servindo até hoje.<sup>75</sup>*

<sup>75</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

As relações estabelecidas entre os professores e os alunos, segundo os depoimentos de ambos, parece que eram muito boas, apesar do comportamento extremamente sério de seus professores. Fato que assinala o estabelecimento de relações de respeito persistindo sobre as relações afiliativas, tão comuns na escola de hoje. É possível afirmar, por meio do exame dos depoimentos que, naquela época, não havia muita intimidade entre professores e alunos.

Dr. Paulo Ferolla afirmou ainda que:

*Os alunos respeitavam muito os professores e chegavam até a adorar alguns professores, porque sentiam a importância da abnegação, da dedicação, do interesse do professor em estar ajudando o crescimento do aluno. Mas o professor resguardava-se numa posição de muito respeito. A coisa mais difícil era um aluno dizer qualquer palavra de intimidade ou de brincadeira maior, ou até de agressão ou desobediência ao professor. E se ele fizesse era recriminado até pelos colegas.<sup>76</sup>*

Nos depoimentos dos ex-alunos foi possível verificar o tratamento conferido por seus professores ao Ginásio, ou seja, qual a imagem que os professores veiculavam em suas falas sobre a instituição em que trabalhavam.

Para eles, seus professores manifestavam grande apreço pelo Ginásio. Homero Santos, Ex-Ministro do Tribunal de Contas da União, estudou no Ginásio em meados dos anos quarenta, afirmou, em seu depoimento, que os

<sup>76</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

*professores demonstravam muito apreço pela escola e se dedicavam muito a ela.*<sup>77</sup>

Segundo depoimento do Dr. Francisco Humberto, ex-Vice Prefeito de Uberlândia e que estudou no Colégio em meados dos anos cinquenta, a visão dos professores em relação à escola era de preservação, de proteção, de manutenção do melhor ensino da cidade.

Em contrapartida, percebe-se nos depoimentos dos alunos que a visão a respeito de seus mestres é a melhor possível. Segundo o Dr. Zaire Rezende, atual prefeito de Uberlândia e que estudou na escola entre 1941 e 1947, a visão que ele tem sobre seus antigos mestres é muito positiva, pois eles o ajudaram muito no decorrer de sua vida, foram influências muito boas que o fizeram ser um homem de destaque.<sup>78</sup>

O Dr. Afrânio Marciliano de Freitas Azevedo, ex-Secretário de Educação de Uberlândia e que estudou na escola entre 1948 e 1953, afirmou que, em sua época, o ensinamento era feito com amor e dedicação em decorrência de uma formação humanística e da preocupação em se adquirir cultura.

A esse respeito o Dr. Virgílio Galassi enfatizou, em seu depoimento, parecer que

*[...] os professores tinham um comportamento muito solidário e se orgulhavam de ser professores. Aquilo era por vocação mesmo. Eles conquistavam seus alunos, gostavam do que faziam. A impressão que eu tenho era*

<sup>77</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

<sup>78</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

*que todos os nossos professores eram solidários e faziam aquilo por amor.*<sup>79</sup>

Perguntados sobre os inspetores que passaram pela escola poucos ex-alunos se recordam de nomes ou das funções por eles desempenhadas. Porém, o Dr. Rondon Pacheco realizou o seguinte comentário em seu depoimento:

*Lembro-me dos inspetores, que não eram daqui. Eu lembro-me que o inspetor do nosso Ginásio era o Montandon, ele era de Araxá. O Sr. Montandon tinha muito apreço e preocupação em projetar o ginásio no contexto educacional do Estado.*<sup>80</sup>

O Dr. Virgílio Galassi também tem uma vaga lembrança dos inspetores:

*Não tenho uma lembrança nitida, específica. Acho que os inspetores eram bons. Acredito que os inspetores também gostavam da escola e tinham seriedade suficiente para cobrar aquilo que podiam cobrar.*<sup>81</sup>

Com relação à direção da escola todos têm boas recordações de seu diretor, que no caso do período pesquisado foi o Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves, conhecido como Professor Vadico, e foi quem ficou mais tempo na direção desse estabelecimento de ensino, no período de 1939 a 1968.

O Professor Vadico dirigiu o colégio por vinte e nove anos. Apesar de ele não ser uberlandense, acabou radicando-se nesta cidade. Nascido em Paracatu, veio para Uberlândia em 1906 com apenas dois anos de idade. Segundo relato pessoal,

<sup>79</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

<sup>80</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

<sup>81</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

*[...] desde a Uberabinha dos primeiros tempos, até a portentosa cidade que é hoje e que se caracteriza como um dos centros mais notáveis do país, seja em seu sentido econômico, social e cultural, em qualquer que seja seu aspecto. Incontestavelmente, Uberlândia é hoje um dos principais centros do Brasil. Eu me orgulho com isto, porque eu vi a cidade crescer de uma simples aldeia ao que é hoje.*<sup>82</sup>

Inicialmente, o Professor Vadico trabalhava na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, fiscalizando colégios. Cansado de viajar, fez uma solicitação ao Secretário que desejava ir embora, mas somente quando vagasse algum cargo no antigo Ginásio Mineiro. Em 1937, vagou uma cadeira de Literatura e Português. Em 1939, ele assumiu as cadeiras de Literatura Portuguesa e Brasileira, sendo designado também para a reitoria desse estabelecimento.

Essa personalidade tão importante para a escola sempre foi tida como uma pessoa muito séria e rigorosa, mas também muito justa e preocupada com o desempenho de seus alunos. Segundo seus contemporâneos, era um homem muito culto e que se dedicou integralmente ao Colégio Estadual de Uberlândia, sendo considerado um apaixonado pela escola por ter se dedicado tanto tempo a ela e demonstrava muito entusiasmo em fazer parte dela.

<sup>82</sup> Parte da entrevista concedida pelo Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves ao Projeto Depoimentos vinculado a Divisão de Patrimônio Histórico e Memória do Arquivo Público Municipal, em 25 de janeiro de 1990.

Segundo seu relato, ele nunca deixou que a classe política interferisse dentro na escola. O corpo docente era escolhido por ele, pois não havia concurso. *Trabalhavam na escola profissionais liberais como médicos, farmacêuticos, advogados, engenheiros*, pois, naquela época, *não havia cursos especializados na área educacional, como pedagogia, por exemplo*. Mas, apesar disso, *os professores eram considerados excelentes e de uma competência muito grande*.<sup>83</sup>

Os alunos daquela época, segundo o Professor Vadico, eram muito dedicados, eram mais atenciosos e mais obedientes. E tinham consciência da necessidade de se estudar e de se tornarem cidadãos respeitáveis.

Enfim, ele orgulhava-se de sua escola, de seus professores e de seus alunos, destacando que *o ensino da escola era rígido e sério e sempre mereceu destaque em jornais e revistas de época*. Seus alunos ajudaram a construir e *eleva ainda mais o nome dessa escola, uma vez que quando prestavam exame para as escolas de ensino superior podia-se ver o nome de alunos desse estabelecimento de ensino sempre ocupando os primeiros lugares da lista*.<sup>84</sup>

O Professor Vadico afirmou que:

*Dizem que eu era um pouco exigente, mais o fato é o seguinte: minha satisfação é muito grande por verificar que todos aqueles que passaram por mim ali, todos aqueles alunos deram gente*.<sup>85</sup>

<sup>83</sup> Parte da entrevista concedida pelo Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves ao Projeto Depoimentos vinculado a Divisão de Patrimônio Histórico e Memória do Arquivo Público Municipal, em 25 de janeiro de 1990.

<sup>84</sup> *Idem.*

<sup>85</sup> *Idem.*

Todos aqueles que se dispuseram a falar a respeito dessa escola, não deixaram de lembrar com muito saudosismo de seu diretor, que apesar de austero, era uma pessoa muito respeitada e admirada pelos seus alunos.

Dentre os egressos entrevistados somente o Dr. Rondon Pacheco foi aluno da escola nos anos trinta na gestão de outro diretor, o Dr. Mário de Magalhães Porto. O Professor Vadico além de ficar mais tempo na direção do ginásio também chegou a morar lá. Ocupava o terceiro andar do ginásio, ele e sua família, sendo que todos seus filhos também estudaram na escola.

Houve concordância dos ex-alunos em afirmar que, apesar da postura séria, o Professor Vadico sempre teve um bom relacionamento com seus alunos, mantendo, evidentemente, uma certa distância, ou seja, não havia intimidade entre diretor e aluno e sim uma relação de muito respeito.

Segundo os ex-alunos o Professor Vadico era muito rigoroso com relação à escola, mas também muito justo. O Dr. Homero Santos considerou, em seu depoimento, que o Prof. Vadico *era um verdadeiro sacerdote, tamanha sua dedicação.*<sup>86</sup>

Moacir Franco, cantor e ator bastante conhecido em todo país e que estudou no Ginásio em meados dos anos quarenta, relatou, em seu depoimento, as seguintes lembranças do Professor Vadico. Para ele,

<sup>86</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

*Era a família Imperial que morava no terceiro andar, nunca ousei subir lá, ou dizer parabéns a você no aniversário da princesa. Mas eram gente boa.*<sup>87</sup>

O Sr. Luís Alberto Garcia, empresário de visibilidade internacional e que estudou no Colégio em meados dos anos quarenta, afirmou, em seu depoimento, que o Professor Vadico era uma presença muito forte e muito marcante. Na época, a impressão que ele tinha era a de que a escola era do professor Vadico e não do Estado.<sup>88</sup>

O Dr. Zaire Rezende, ressaltou ainda que, segundo sua percepção, a escola foi muito bem dirigida pelo Professor Vadico, por ser ele muito exigente e rígido. Para ele *a escola foi muito bem conduzida por seu diretor senão ele não teria ficado trinta anos na direção.*<sup>89</sup>

É possível perceber que não se pode falar do Colégio Estadual de Uberlândia, sem mencionar o Professor Osvaldo Vieira Gonçalves, pois, segundo os ex-alunos do Colégio, a escola recebeu a marca dele.

Paulo Ferolla enfatizou que o Professor Vadico:

*[...] tinha uma visão de uma grandeza muito grande. Eu tinha certeza que ele exercia o cargo dele como uma missão na vida dele, uma missão de formar uma juventude que representava o futuro de nosso país. Então isso para ele era uma missão muito nobre e ele procurava exercer*

<sup>87</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

<sup>88</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

<sup>89</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

*tudo isso com muita competência, com muito amor e com muito idealismo. E ele tinha vocação para essa missão.*<sup>90</sup>

Como se pode perceber o Professor Osvaldo Vieira Gonçalves deixou marcas importantes na escola e naqueles que por ali passaram. Todos falam de sua rigidez, de sua disciplina, mas é interessante observar que o fazem sempre revelando uma certa admiração.

Com relação ao corpo docente da escola foi muito difícil estabelecer algum contato, pois uma grande maioria já é falecida e os ex-professores que se encontram vivos não se dispuseram a dar entrevista alegando motivos de saúde ou alguma indisponibilidade de tempo.

Mesmo assim, por meio do depoimento do Professor Celso Correa dos Santos, que foi professor no final dos anos cinquenta e posteriormente diretor da escola, foi possível conhecer um pouco de desempenho do corpo docente daquela época, pelo fato de ter conhecido muitos desses ex-professores.

O Professor Celso Correa relatou, em seu depoimento que, naquela época, não havia concurso para contratação dos professores, sendo muitos deles convidados a lecionar pelo seu notório saber. Afirmou também se tratarem de pessoas com o maior nível cultural da região. Apenas em 1962, 1963 é que começaram a surgir os primeiros concursos.

A relação estabelecida entre a comunidade e a escola, segundo ele, também era muito boa:

<sup>90</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

*Os professores, naquela época, eram pessoas muito bem situadas na comunidade e por isso mesmo eram bastante respeitados e convidados para diversas solenidades que aconteciam fora da escola. Muitas vezes eram convidados a dar pareceres sobre um fato, eram convidados para publicar artigos em jornais. Enfim, eles possuíam uma posição de destaque dentro da comunidade e eram muito queridos e respeitados.*<sup>91</sup>

O Professor Celso Correa conheceu e conviveu com muitos professores que fizeram parte do corpo docente na época coberta por essa investigação. Entre eles cabe destacar os seguintes: Nelson Cupertino, Luiz Rocha e Silva, Osvaldo Vieira Gonçalves, Duarte Pimentel de Ulhôa, o Cônego Eduardo que, segundo ele, era *uma pessoa boníssima e de uma cultura excepcional.*<sup>92</sup>

As relações estabelecidas entre professores e alunos, segundo o depoente, também eram muito boas, baseadas em muito respeito e sempre obedecendo a uma hierarquia.

Para se ter uma idéia do quanto os professores eram considerados autoridades, pode-se relatar o fato de que, naquela época, ao entrar o professor em sala de aula, todos os alunos presentes se levantavam e só sentavam-se quando o professor já estivesse acomodado.

O Professor Celso acredita que a disciplina imposta, o respeito adquirido e rigor de seus professores fizeram com que o então Colégio Estadual de Uberlândia fosse conhecido como um dos melhores colégios do Estado.

<sup>91</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

<sup>92</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

Corroborando esta assertiva estava o fato de que muitos alunos egressos do Colégio chegaram à aprovação já no primeiro exame para o ingresso no Ensino Superior. A aprovação de um aluno do colégio para o Ensino Superior era motivo para comemoração. Assim, promoviam-se festas, bailes e havia o conagraçamento entre professores e alunos. Na visão do professor, de fato, os conteúdos de ensino eram muito ricos e bem aplicados.

Segundo o referido professor, o sistema de avaliação era composto por provas escritas e provas orais. As provas escritas eram marcadas a critério do professor e a prova oral era realizada somente no final do ano. A média era a soma entre as provas escritas e a prova oral. Depois começaram a ser introduzidas as provas mensais e com o tempo as provas orais foram desaparecendo.

A disciplina também era muito rígida e qualquer falta cometida pelo aluno era motivo para a punição. No caso de faltas leves o aluno era chamado à reitoria para advertência ou era colocado de castigo dentro da sala de aula pelo próprio professor e, nos casos de faltas mais graves, o aluno podia até ser suspenso das aulas.

Para o Professor Celso Correa, isso fazia com que o aluno fosse disciplinado e essa disciplina que era uma característica marcante do colégio, começava desde o uso do uniforme até a maneira de se comportar do aluno.

A disciplina e o respeito sempre foram virtudes ensinadas tanto pelo seu diretor quanto pelos seus professores. Os momentos de lazer dos alunos na

escola eram organizados através de festas, quermesses, barraquinhas e festividades cívicas.

Havia muita participação dos alunos e professores. O Prof. Celso Correa relatou que havia uma ansiedade muito grande quando era marcado algum evento na escola, pois era quando meninos e meninas se encontravam e podiam conversar, pois apesar de o colégio ser misto, o recreio de meninos e meninas era separado. Nas palavras do professor:

*Era aquela loucura , aquela vontade dos rapazes em ver as moças e vice versa. Então essas festinhas eram a alegria da rapaziada. E as festas eram animadas por bandas ao vivo. Era uma época muito boa.<sup>93</sup>*

As datas cívicas eram também muito comemoradas. Geralmente começavam com o hasteamento da bandeira nacional e bandeira do Estado de Minas Gerais. Depois, os alunos saíam da escola e iam para as ruas fazendo um desfile com a participação da fanfarra da escola. Essa fanfarra ficava meses ensaiando para as festividades cívicas. O desfile normalmente acontecia na Avenida Afonso Pena. Eram muito comemoradas as datas cívicas da Inconfidência Mineira, o Sete de Setembro e o Quinze de Novembro.

Algumas datas eram comemoradas com representação dramática, os alunos montavam e ensaiavam as peças com a ajuda de professores e a apresentação era feita no próprio colégio.

<sup>93</sup> Depoimento concedido à pesquisadora.

No colégio, segundo o Professor Celso Correa, havia ainda uma professora de canto, *a conhecida e saudosa Dona Alfredina Alvim Rezende que se dedicava demais nessa época de festividades.*<sup>94</sup>

Houve uma época em que ela ajudou a compor um hino em homenagem ao Colégio. O Professor Celso Correa lembrou-se, durante seu depoimento de um dos trechos da letra do mesmo, [...] *companheiro sempre avante na busca do saber [...]*.<sup>95</sup> Pare ele, os alunos do Colégio tinham verdadeiro orgulho de cantar esse Hino que aos poucos passou a fazer parte de todas as comemorações realizadas na escola.

O Professor Celso Correa ressaltou que os alunos participavam de todos os eventos promovidos pela escola e que participavam porque gostavam, *amavam a sua escola*. Até hoje aqueles que viveram naquela época ainda têm saudades do *Museu*.

Exemplo disso, é a existência da Associação de Ex-Alunos da Escola Estadual de Uberlândia - ASES que é composta por ex-alunos daquele período, até hoje eles falam com entusiasmo do colégio, são pessoas vibrantes que até hoje amam essa escola.

Um outro fator interessante da época relatada pelo Professor Celso era a questão da participação na gestão da escola. Os professores participavam de todas as questões relacionadas à escola. É claro que o diretor tinha uma posição

<sup>94</sup> Depoimento concedido à pesquisadora.

<sup>95</sup> Depoimento concedido à pesquisadora.

de administrador escolar geral, mas os professores participavam com idéias, com ações.

*Naquela época havia uma congregação composta por professores, que participavam das várias diretrizes da escola e se a congregação determinava uma conduta, essa conduta era seguida pelo diretor. Havia opiniões separadas que também eram ouvidas, mas a decisão era tomada sempre em conjunto congregação e diretor.<sup>96</sup>*

Percebe-se, desse modo, a importância do trabalho desenvolvido naquela época por seus professores. Segundo o depoente, os professores do Colégio daquela época eram *peças notáveis, muito valorizados pela comunidade, e eram equiparados a um prefeito, um juiz, um promotor*. Eram convidados para recepcionar autoridades estaduais e federais. O Professor Celso Correa afirma que:

*Eles ditavam as regras de educação da cidade, mas não só da educação, também regras mais gerais da própria comunidade. Na Escola Estadual de Uberlândia daquela época você podia encontrar o cerne da cultura da cidade de Uberlândia. Eles eram, vamos dizer assim, o que havia de mais importante na cidade.<sup>97</sup>*

Na fala do Prof. Celso Correa, pode-se perceber bastante semelhança com aquela apresentada pelos alunos na qual o exercício da docência realizava-se, naquela época, com muita dedicação, porque os professores *tinham amor*

<sup>96</sup> Depoimento concedido à pesquisadora.

<sup>97</sup> Depoimento concedido a pesquisadora.

*pelo que faziam*. Havia a idéia de que a escola era de fato um *Templo do Saber*, segundo relato do o Professor Celso.

Para ele, a representação que a comunidade fazia da escola era a de que *ali estava concentrado todo saber e cultura de uma cidade*.<sup>98</sup> A escola realmente era um marco no desenvolvimento da cidade de Uberlândia.

O Professor Celso Correa afirmou que o Colégio Estadual de Uberlândia, naquela época, exercia um papel como o exercido atualmente pela Universidade Federal de Uberlândia, ou seja, representava o ideário de excelência no ensino.

Após percorrer o itinerário de busca e compreensão das representações sociais presentes nos discursos de sujeitos envolvidos com a escola, fonte que se revelou extremamente satisfatória nesta investigação, pôde-se perceber a centralidade que a escola possuía, seja no aspecto cultural seja na legitimação da posição social que os egressos dessa instituição de ensino iriam ocupar na cidade.

<sup>98</sup> Depoimento concedido à pesquisadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrer o campo teórico das representações sociais, apresentar o cenário educacional de Uberlândia no período de 1929 a 1950 e expor o conteúdo dos discursos sobre a Escola Estadual de Uberlândia presentes no meio social da época, tentar-se-á, nestas considerações, apreender os principais elementos presentes nas representações sociais construídas e veiculados acerca da Escola Estadual Uberlândia no período compreendido por esta investigação.

É importante ressaltar a utilidade do estudo sobre representações sociais na compreensão das instituições educacionais, por meio da percepção da forma como as falas foram se organizando, legitimando o *status quo* dos egressos de escolas formadoras de elites culturais e políticas. Este tipo de análise permite compreender como persiste no meio social a imagem de uma escola central no desenvolvimento de uma localidade ou região.

Sem dúvida, o cenário educacional uberlandense refletia o contexto nacional e, sobretudo, no período enfocado, o ideário do Estado Novo, no qual

as idéias de Nação, Ordem, Disciplina e Centralização povoavam as mentalidades de dirigentes e, de maneira diferenciada, eram divulgadas e apropriadas junto à sociedade.

No período de 1929 a 1950, a escola já se encontrava em seu prédio novo, fugindo da precariedade inicial, conforme pode-se perceber nas fotografias já expostas neste trabalho. A monumentalidade assumida pela escola no período enfocado, evidenciada pela própria edificação destinada às atividades escolares, demonstrava o lugar social reservado para aqueles que estivessem dispostos a aceitar as normas, restrições e obrigações escolares.

Ao examinar os discursos manifestados nos depoimentos percebe-se que a escola assumiu um papel nuclear na cidade de Uberlândia, tornando-se, simultaneamente, pólo cívico, cultural e esportivo.

A coordenação das atividades de comemorações cívicas oficiais, com destaque para o advento da Independência e da Proclamação da República, deixam clara a valorização social dada aos movimentos coordenados pelas elites dirigentes, legitimando e justificando os arranjos políticos de então.

Ao oferecer para seus alunos e comunidade atrações culturais e eventos esportivos, obviamente, vinculados aos ideais de ordem e civismo, a escola supria carências importantes da cidade, tornando-se *locus* privilegiado para a divulgação da cultura legítima e dos esportes, com suas regras e normas, que inspiravam e modelavam os comportamentos sociais esperados para o cidadão ordeiro e nacionalista.

A escola, por seu turno, significou uma evolução, não só pelo espaço físico disponível ao saber, mas também pela organização curricular e de conteúdos, com a entrada de livros etc., conferindo à cidade uma oportunidade real de incremento educacional e cultural, por meio da possibilidade de socialização de conhecimentos.

Os relatos sobre metodologias de ensino empregadas pelos professores e normatizadas pela escola, como poder-se-ia prever, revelaram vinculação com práticas pedagógicas tradicionais, nas quais professores transmitiam conhecimentos a serem memorizados pelos alunos.

Nesse sentido, é importante assinalar que o sistema de avaliação incluía basicamente as provas escritas, durante o ano letivo, e provas orais, ao final das aulas, demonstrando vinculação a práticas pedagógicas conservadoras e distanciamento das propostas advindas da Escola Nova.

Quanto à idéia de qualidade da escola, presente na maior parte dos depoimentos e nas notícias divulgadas pela imprensa local, pôde-se perceber que o conteúdo que justifica esta idéia relaciona-se, sobretudo, à disciplina rígida imposta pela escola e por seus professores, pela erudição dos docentes e pela aprovação nos concursos vestibulares para ingresso na Educação Superior. Novamente, há uma distância entre o que se percebe como qualidade e aquilo que o ideário pedagógico reformador está a propagar. Sem dúvida a presença marcante ainda é a do Estado-Novo.

Por outro lado, há a idéia propagada por diversos alunos no período, de que os professores eram excelentes por sua vocação ao magistério, comparando-os, inclusive, a sacerdotes. Neste caso, é interessante observar a permanência de um discurso metafísico em relação à profissão docente, herança do período medieval europeu, em detrimento à visão propalada, no Brasil, desde os anos 30, de que o exercício do magistério estaria vinculado ao conjunto de aptidões dos profissionais a ele dedicados.

Por vezes, o distanciamento do período obscurece seus contornos específicos, mas, no período focado nesta investigação e, sobretudo, devido à localidade enfocada, o ensino secundário era um nível educacional muito alto, para o qual convergiam professores e alunos os mais capacitados. Por esse motivo, é interessante perceber o quanto essa elite cultural estava desconectada do ideário pedagógico escolanovista e vinculada ao pensamento nacionalista e conservador.

Outra dimensão perceptível das práticas pedagógicas relatadas é a atitude difícil tomada em relação à co-educação, tema tão freqüente nas discussões pedagógicas dos anos trinta e, espantosamente, reavivada na atualidade.

Enfim, pode-se perceber, após o exame destas considerações que a Escola Estadual de Uberlândia firmou sua imagem de qualidade calcada em um ideário pedagógico e político conservador, no qual, ordem centralização, disciplina, memorização, civismo e nacionalismo deram o tom e o compasso.

A percepção dessa situação não diminui sua importância no cenário local e regional da Escola Estadual Uberlândia, pois nela foram formadas centenas de cidadãos no período enfocado dentre os quais diversos dirigentes do setor público e privado local, regional e mesmo nacional.

## **MATERIAIS HISTORICOS E BIBLIOGRAFIA**

### **1. Depoimentos**

#### **1.1. Professores e Diretores**

1. Celso Correa dos Santos
2. Osvaldo Viera Gonçalves (Cedido pela PMU de Uberlândia)

#### **1.2. Egressos**

1. Afrânio Marciliano de Freitas Azevedo
2. Francisco Humberto de Freitas Azevedo
3. Homero dos Santos
4. Luis Alberto Garcia
5. Maria Oranides Crosara
6. Mauro Pereira de Mendonça
7. Moacyr de Oliveira Franco
8. Paulo Ferolla da Silva
9. Rondon Pacheco
10. Virgílio Galassi
11. Zaire Rezende

## 2. Manuscritos

Livro de Ata de Reunião (30/12/1930)

## 3. Periódicos

A.E.S.U (Associação dos Estudantes Secundários de Uberlândia), exemplar 002, 07/06/1934

Diário da Revolução nº 5, 11/10/1930

Diário da Revolução nº 35, 07/06/1934

Jornal O Correio nº 2370, 29/03/1948

Jornal A Notícia, 13/10/1918

Jornal A Tribuna, nº 126, 1922.

Jornal O Progresso, nº 251, 1912

## 4. Bibliografia

ALEM, João Marcos. Representações Coletivas e História Política em Uberlândia. *História e Perspectiva*. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, nº4, 1991, pp. 79-101.

ARANTES, Jerônimo. *Corografia do Município de Uberlândia*. Uberlândia, Editora da Pavan, 1938.

ARANTES, Jerônimo. *Efemérides e Leis Memoráveis de Uberlândia (1810 - 1940)*. Uberlândia, Editora da Pavan, 1942.

ARANTES, Jerônimo. *Memórias Históricas de Uberlândia*. 2 ed., Uberlândia, Editora da Pavan, 1982.

ARRUDA, José Jobson de e PILETTI Nelson: *Toda a História - História Geral e História do Brasil*. 6 ed. São Paulo, Editora Ática, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 2ª. Ed. São Paulo.

T. A. QUEIROZ/EDUSP. 1987.

- BUFFA, Ester e NOSELLA, Paolo. *Scholla Mater: A Antiga Escola Normal (1911 - 1933)*, São Carlos, Editora da UFSCar, 1996.
- CALDEIRA, Jorge. *História do Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1990.
- CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Trad. Guacira Lopes Louro. *Teoria e Educação*. Evangraf, Porto Alegre, nº 2, 1990, pp.177-229.
- DANTAS, Sandra Mara. O Mundo como Representação/Imagens/Sentimentos. A (Re) Construção da Realidade Histórica. *Boletim CDHIS*, Uberlândia, 13 (26): 15 a 18, 2000.
- DIÁRIO DA REVOLUÇÃO, nº 35, 15/11/30, p. 2.
- DIÁRIO DA REVOLUÇÃO, nº 5, 11/10/30, p. 3
- DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. In: *Os Pensadores*. Vol. XXXIII. São Paulo. Abril. 1973.
- GATTI JR., Décio e outros. História e Memória Educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro. *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (2): 5-28, 1997.
- \_\_\_\_\_. História e Memória Educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro. *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (2): 5-28, 1997.
- GATTI, Giseli Cristina do Vale e MENDES, Viviane Santana. Reconstruindo a Memória Educacional Uberlandense: A Escola Estadual de Uberlândia. *Boletim CDHIS* (Centro de Documentação e Pesquisa em História), Uberlândia, 9(17): 4-5, 1996.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. *História da Educação*. 2 ed São Paulo, Cortez, 1994.

- GOUBERT, Pierre. História Local. *Revista História e Perspectivas*. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, nº 6, 1992, pp. 45-57.
- INÁCIO FILHO, Geraldo. *Ordens do Dia e Educação Política: da Construção à materialização da Representação Coletiva*. Campinas: UNICAMP, Tese de Doutorado, 1997.
- JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 2 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.
- LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo. Martins Fontes, 1990.
- LIMA, Vilma Marcelino. 1930: História e Memória - a construção do imaginário sobre a revolução de trinta no Triângulo Mineiro. *História e Perspectiva*. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, nº 7, 1992, pp. 65-86.
- MAGALHÃES, Justino. *Contributo para a História das Instituições Educativas - entre a memória e o arquivo*. Universidade do Minho (mimeo).
- MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. Trad. Luis Cláudio Castro e Costa. São Paulo. Martins Fontes. 1989.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo, Ed. Loyola, 1996.
- MENDONÇA, José. *História de Uberaba*. Uberaba. Bolsa de Publicações de Uberaba, 1974.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de Representação dentro da Sociologia Crítica. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em Representações Sociais*. 2 ed. Petrópolis. Vozes. 1995, pp. 89-111.
- MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. *Educação no Brasil*. 3 ed, Recife, Ed. Universitária, 1975.

- MUNICÍPIO DE UBERABINHA. *História, Administração, Finanças, Economia. São Pedro de Uberabinha (Uberlândia)*. Oficinas Typographicas da Livraria Kosmos, 1922.
- NAVES, Maria Consuelo Montes e RIOS, Gilma Maria. *Araguari Cem Anos de Dados e Fatos*. Araguari. Edição Prefeitura Municipal de Araguari, 1988.
- PATLAGEAN, Evelyne. A História do Imaginário. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 292-312.
- PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice M. *Educação e Sociedade*. 10 ed, São Paulo, Nacional, 1979.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v.15, nº29, 1995, pp.9-27.
- PETITAT, André. *Produção da Escola/Produção da Sociedade*. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre. Artes Médicas, 1994.
- RIBEIRO, Maria Luísa Santos. *História da Educação Brasileira*. 9 ed, São Paulo, Cortez, 1989.
- RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Uberabinha, Trabalho, Ordem e Progresso. *Cadernos de História*. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, nº 6, 1996, pp.115-134.
- ROMANELI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.
- SÁ, Celso Pereira de. *A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 1998
- SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História*. v. 9, nº 19, São Paulo, 1990, pp.219-243.

SILVA, Luiz Antonio Rocha e. História da Construção do Prédio do Colégio Estadual de Uberlândia (Museu) feita pela "Sociedade Para O Progresso de Uberabinha". *Boletim do CDHIS*, Uberlândia, 12(25):10 a 13, 1999.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central*. Uberlândia, Uberlândia Gráfica, 1970.

VIEIRA, Maria do Pilar e outros. *A Pesquisa em História*. São Paulo, Ed. Ática, 1989.

WIRTH, John D. *O fiel da balança - Minas Gerais na Federação Brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.

*ANEXOS*



- 8- Quais eram as formas de participação dos alunos nas datas comemorativas e festividades da escola?
- 9- O Sr., naquela época, percebia alguma influência na escola da Imprensa, Estado ou Igreja? De que tipo

#### **Clientela**

- 10- Quem eram e qual a situação social dos alunos da escola?
- 11- Qual era a composição dos alunos quanto ao gênero na época em que o Sr. esteve na Escola?
- 12- Como era sua relação com seus colegas dentro e fora da escola?

#### **Professores**

- 13- Quais são suas lembranças sobre as relações estabelecidas entre professores e alunos dentro e fora da sala de aula naquela época?
- 14- Qual era a visão que os professores demonstravam ter da Escola naquela época?
- 15- Qual era sua visão a respeito dos professores da Escola naquela época?

#### **Inspetores e Supervisores**

- 16- Quais são suas lembranças dos inspetores e supervisores que atuavam na Escola na época em que o Sr. lá estudou?
- 17- Qual era a visão que os inspetores e supervisores demonstravam ter da Escola naquela época?

#### **Diretores**

- 18- Quais são suas lembranças da direção que atuava na Escola na época em que o Sr. lá estudou?
- 19- Qual era a visão que os diretores demonstravam ter da Escola naquela época?

#### **Síntese**

- 20- Na opinião do Sr., qual a relevância da educação recebida na Escola no decorrer de sua vida?
- 21- Qual a sua visão a respeito da escola na época em que lá estudou e hoje? (sua importância, sua contribuição...)

Universidade Federal de Uberlândia  
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes  
Programa de Mestrado em Educação

Roteiro para entrevista de ex-alunos da Escola Estadual de Uberlândia

Dados Gerais da Entrevista

- 1 Data:
- 2 Local:
- 3 Horário:

Dados do depoente

- 1- Nome completo
- 2- Local e data de nascimento
- 3- Endereço completo
- 4- Formação acadêmica
- 5- Profissão atual
- 6- Período em que estudou na escola
- 7- Forma de ingresso na escola
- 8- Qual sua origem social na época em que estudou na escola
- 9- Idade na qual ingressou e saiu da escola

Perguntas

- 1- Quais os motivos que o levaram a estudar na Escola Estadual de Uberlândia?
- 2- De que forma o Sr. foi selecionado para ingressar nessa Escola?
- 3- De que modo o Sr. percebia o papel exercido pela escola junto a comunidade naquela época?
- 4- E hoje?
- 5- Como era o regime disciplinar da escola?
- 6- Quais são suas lembranças sobre os conteúdos de ensino e qual ou quais as disciplinas com as quais o Sr. tinha mais afinidade?
- 7- Como era a metodologia de ensino e o sistema de avaliação?

2

**Universidade Federal de Uberlândia  
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes  
Programa de Mestrado em Educação**

**Roteiro para depoimento a respeito de professores que  
passaram pela Escola Estadual de Uberlândia**

**Dados do Depoente**

- 1- Nome completo:
- 2- Local e data de nascimento:
- 3- Endereço completo:
- 4- Formação acadêmica:
- 5- Profissão atual:
- 6- Período em que lecionou na escola:
- 7- Forma de ingresso na escola:
- 8- Quais os outros cargos e funções ocupados na escola:
- 9- Quais as disciplinas que ministrou na escola:

**Perguntas**

- 1- Quais são suas lembranças sobre o processo de seleção de professores na escola?
- 2- Como você percebia a relação comunidade-escola naquela época?
- 3- E da escola com a prefeitura e outros órgãos internos do governo?
- 4- Quais são suas lembranças sobre as formas de relacionamento entre os docentes da escola na época?
- 5- E as relações dos professores com seus alunos?
- 6- Você tem lembranças sobre os conteúdos que os alunos estudavam?
- 7- Qual era o formato do sistema de avaliação?
- 8- Você tem lembranças sobre a forma de controle disciplinar utilizada na escola naquela época?
- 9- Como eram organizados os momentos de lazer dos alunos?
- 10- Havia naquela época comemorações na escola? Quais e como elas se realizavam?
- 11- Quais eram as formas de participação na gestão da escola?
- 12- Como você avalia a importância do trabalho desenvolvido na escola naquela época?
- 13- Que lembranças o Sr. tem sobre a visão que professores, alunos e comunidade tinham da escola naquela época?

3